

RCO3

EM REVISTA

Dezembro de 2021 | nº 6



Editora do Brasil

Expectativas para 2022: como a pandemia vai modelar a educação daqui para a frente?

Educadores e profissionais especialistas no setor contam quais são suas perspectivas para o ano letivo de 2022 e quais foram os aprendizados procedentes desse momento crítico de distanciamento social

Como funciona a análise de dados na Educação?

Confira como mensurar e aplicar dados garante apoio ao professor desde o planejamento didático até no uso de estratégias de ensino mais efetivas

pág. 34

Novo Ensino Médio e o papel dos Itinerários Formativos

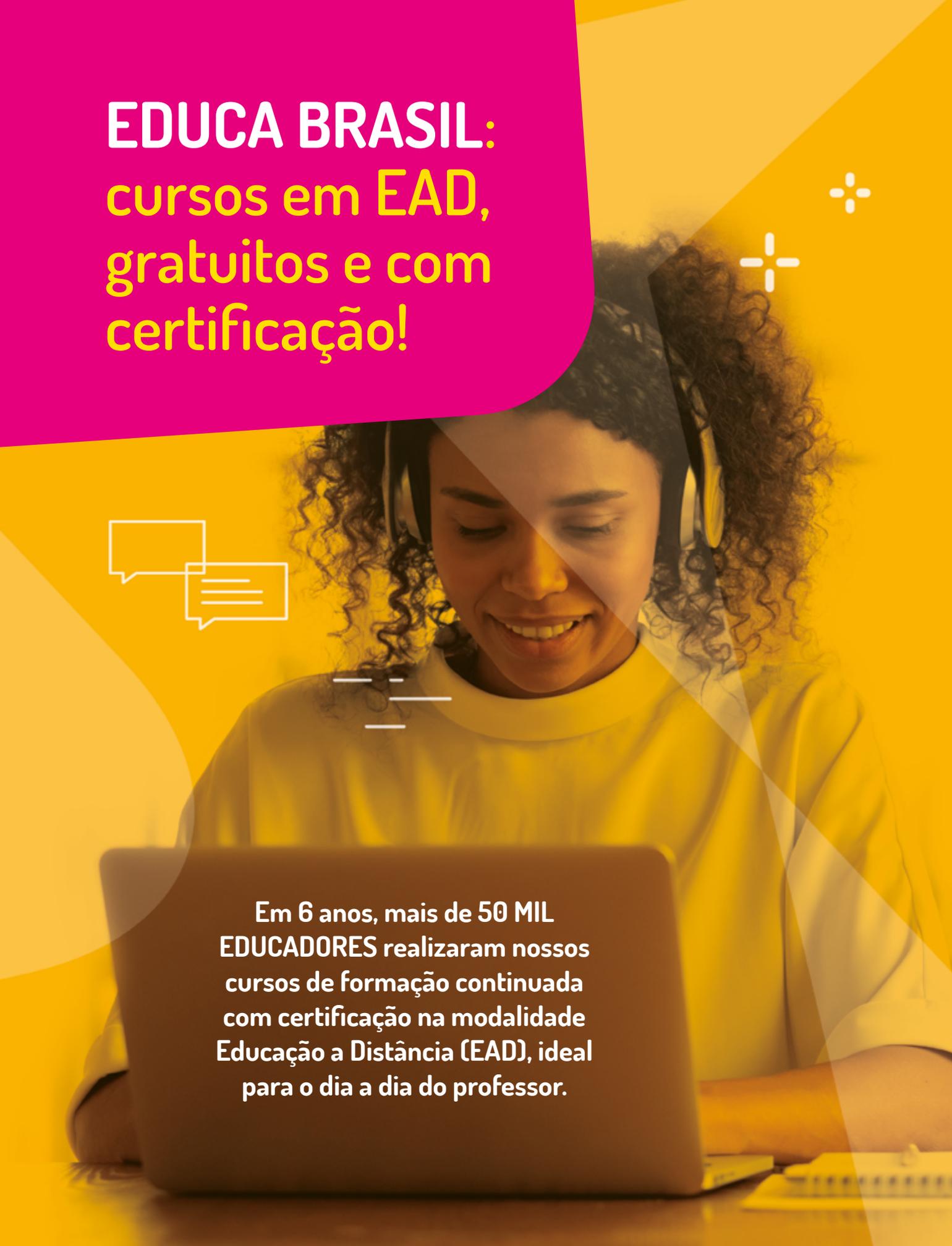
O Ensino Médio mudou, e, com ele, há novas exigências para a prática docente. Entenda os impactos da mudança e por que ela merece atenção redobrada

pág. 20

Cuidando da saúde mental dos nossos estudantes

O Mindfulness tornou-se uma palavra da moda, e não é à toa. A prática tem muito a colaborar para a retomada presencial (e saudável) das aulas

pág. 28



EDUCA BRASIL: cursos em EAD, gratuitos e com certificação!

Em 6 anos, mais de 50 MIL
EDUCADORES realizaram nossos
cursos de formação continuada
com certificação na modalidade
Educação a Distância (EAD), ideal
para o dia a dia do professor.

A cada ano, são abordados novos temas pertinentes aos principais desafios do cenário educacional. E, agora, temos uma **GRANDE NOVIDADE**: um curso destinado para docentes e gestores dos **ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL!**

Venha agora potencializar suas práticas e seu currículo com os cursos do EDUCA BRASIL para professores e gestores:

DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Curso "Educação Infantil: da releitura dos saberes à ressignificação das práticas"

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil traz diversas novidades, e o EDUCA BRASIL é essencial para que você compreenda o significado de um currículo pautado nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento e organizado em campos de experiência.

DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL (6º ao 9º ano)

Curso "Ressignificar as práticas docentes nas séries finais da Educação Fundamental"

O curso tem como intuito atualizar os educadores quanto às competências anunciadas na BNCC para o segmento, que determina o conjunto de aprendizagens essenciais, e assegurar uma formação humana integral, com foco na construção de uma sociedade inclusiva, justa e democrática.

DO NOVO ENSINO MÉDIO

Curso "Novo Ensino Médio: dos fundamentos teóricos aos desafios da implementação"

Conheça os fundamentos da BNCC do Ensino Médio e o currículo com Itinerários Formativos e seus respectivos eixos estruturantes, bem como a implementação em escola e sala de aula. Aprimore sua ação didática em relação às habilidades da BNCC e aos ajustes do currículo escolar nas diferentes Áreas do Conhecimento.

E MAIS NOVIDADES EM 2022! Cursos para professores e gestores dos ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL e sobre AVALIAÇÕES!

Confira mais informações e se inscreva em: educa-brasil.com





Editora do Brasil

Presidente:

Aurea Regina Costa

Diretor Geral:

Vicente Tortamano Avanzo

Diretor Comercial:

Bernardo Musumeci

Diretor Editorial:

Felipe Ramos Poletti

**Gerente de Marketing
e Inteligência de Mercado:**

Helena Poças Leitão

Gerente de PCP e Logística:

Nemezio Genova Filho

Supervisora de CPE:

Roseli Said

Coordenadora de Marketing:

Livia Garcia

Analista de Marketing:

Camila Bortoleto, Miki Tanaka,
Priscila Zenari e Viviani Mendes

Realização

Diretora de Redação:

Helena Poças Leitão

Coordenação Editorial:

Livia Garcia

Colunista:

Stéphanie Habrich

Conteúdo:

Agência Bowie

Revisão:

Rhamyra Toledo

Direção de Arte,

Projeto Gráfico e Diagramação:

Miki Tanaka

Jornalista Responsável:

Helena Poças Leitão - MTB 44375/SP

Central de Atendimento

E-mail:

atendimento@editoradobrasil.com.br

Telefone:

0300 770 1055

WhatsApp:

11 99329 5316

Redes Sociais

facebook.com/editoradobrasil

youtube.com/editoradobrasil

instagram.com/editoradobrasil_oficial

twitter.com/editoradobrasil

www.editoradobrasil.com.br

Impressão: Gráfica AR Fernandez

CNPJ 52.997.491/0001-90

Tiragem: 15.000

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo, SP — CEP: 01203-001

SUMÁRIO

- 6** Expectativas para 2022: como a pandemia vai modelar a educação daqui para a frente?
- 14** Como desenvolver uma criança leitora?
- 18** Educação Infantil pós-pandemia e a importância da escuta no desenvolvimento infantil
- 20** Novo Ensino Médio e o papel dos Itinerários Formativos
- 24** Novo Ensino Médio e *A revolução dos bichos*
- 28** Cuidando da saúde mental dos nossos estudantes
- 30** O potencial da neurociência na educação
- 34** Como funciona a análise de dados na Educação para estratégias de ensino mais efetivas?
- 36** Quadrinhos na sala de aula: por que não?
- 38** O que mudou ao longo dos anos na Educação Brasileira?
- 40** Como será o professor do futuro?
- 44** Grandes comemorações de 2022

Prezados(as) educadores(as),

Preparamos uma edição da **Arco43 em Revista** para lá de especial, com matérias que vão ajudá-los(as) em seu planejamento escolar.

Um dos temas que abordamos foi o modelo do Novo Ensino Médio, que será obrigatório a partir de 2022. Sua escola está preparada para essas mudanças? Se não estiver, preparamos uma matéria que trata dos principais pontos sobre o tema e apresentamos a nova **Coleção Novo Ensino Médio**, da **Editora do Brasil**. Esse lançamento traz livros impressos e digitais, que podem ser organizados de modo personalizado pelos professores, além de Itinerários Formativos. Todo o projeto está seguindo as normas preconizadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pode ser implementado rapidamente em sua escola.

Um outro assunto retratado é a importância do trabalho das competências socioemocionais, que ajudam os estudantes a se prepararem para o futuro.

Apresentamos o **Programa Soul Socioemocional**, que tem como objetivo a prevenção de problemas de comportamento e a promoção do desempenho acadêmico por meio de competências socioemocionais diversas – entre elas, a empatia, a compaixão e o reconhecimento de emoções e a resolução de conflitos – e de habilidades ligadas à amizade e à sociabilidade.

Além disso tudo, prepare-se para viajar por nossas novidades literárias! Cada vez mais, o catálogo de literatura infantil e juvenil da **Editora do Brasil** vem ganhando espaço nas premiações internacionais, levando aos estudantes conteúdos relevantes e atuais. Uma das novidades que trouxemos nessa edição foi a **Coleção HQ**, com clássicos como *A revolução dos bichos*, *O navio negreiro e outros cantos de Castro Alves*, *Os faroleiros e outros contos de Monteiro Lobato*, entre outros.

Ainda falamos sobre a mudança do papel do professor, a aprendizagem significativa e a neurociência, as grandes celebrações de 2022 e muito mais!

Esperamos que aproveite a leitura da **Arco43 em Revista** e que seus conteúdos possam contribuir significativamente para seu dia a dia escolar.

Boa leitura!

Helena Poças Leitão

Gerente de Marketing e Inteligência de Mercado da Editora do Brasil



Expectativas para 2022: como a pandemia vai modelar a educação daqui para a frente?



Imagem: Shutterstock

Depois de ser desmembrada pela pandemia de Covid-19, a Educação Básica brasileira será renovada ou restaurada ao ponto em que se encontrava antes? A última possibilidade parece distante após tantas mudanças e inovações terem sido implantadas em caráter de urgência. Mesmo com o retorno ao ensino presencial, trazer todos os estudantes e professores de volta às escolas como se o fechamento nunca tivesse acontecido é impossível.

Grandes momentos operam grandes mudanças, e o fato é que não somos os mesmos – e, provavelmente, não voltaremos a ser. A pandemia, assim como os seus desdobramentos, afetou quase todos os aspectos das escolas, e, pior ainda, ao mesmo tempo. Não ocorreu apenas a mudança das salas de aula para as telas dos computadores: o distanciamento também testou ideias sobre instrução, frequência e avaliações, bem como o papel da tecnologia e o lugar das conexões humanas como cola que mantém tudo isso unido. Essa experiência coletiva modificou crianças, jovens e adultos e alterou dramaticamente a maneira de ensinar e aprender.

Quase dois anos depois do baque inicial, repensar a educação é um conceito que está em andamento, ao lado da sensação crescente de que algumas mudanças podem durar. É a oportunidade de reimaginar como

as escolas serão e, quem sabe, traçar um futuro melhor. Aproveitando esse ensejo, perguntamos a alguns educadores e profissionais especialistas no setor quais são suas expectativas para o ano letivo de 2022 e que aprendizados esse momento crítico deve deixar nas trajetórias coletivas e individuais de todos os agentes que formam uma escola.

Quais lições devem ficar após esse período de pandemia?

Carlos Fernando Araújo Júnior, Diretor de Relações Nacionais da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), destaca que a pandemia deu força a novas estruturas de ensino: “No âmbito da educação, como no do trabalho, as pessoas puderam perceber o potencial da tecnologia para realização dos estudos e para o *home office* e teletrabalho. Todas as instituições privadas de Educação Superior, por exemplo, migraram para o chamado ensino remoto, e as pesquisas mostram que uma parte significativa destes estudantes não querem voltar para o mesmo modelo de aula tradicional presencial, ganhando força, assim, o modelo de ensino híbrido”.

Rafael Sanchez, Especialista em Educação e Tecnologia, eleito nos Estados Unidos um dos Top 100 visionários da educação mundial, acredita que,



antes de mais nada, teremos como herança um desafio estrutural de tecnologia (acesso à internet e a equipamentos), que precisará ser enfrentado nos próximos anos: “O planejamento das aulas precisa contemplar mais tecnologia. O ensino híbrido deve continuar mesmo após a pandemia, mas precisamos usar mais metodologias ativas de aprendizagem. Com boa orientação e material de qualidade, os alunos podem aprender *online*, muito mais do que se imaginava”.

Já Rogéria Sprone, pedagoga e diretora pedagógica do Colégio Joseense, em São José dos Campos, no interior de São Paulo, lembra que a pandemia mudou, no geral, a maneira de viver e trouxe mais conscientização para com o desenvolvimento socio-emocional: “Passamos a usar ainda mais a tecnologia para nos comunicar, relacionar, encontrar amigos e familiares. O ‘estar junto’ ficou mais difícil, e tivemos, em muitos momentos, que nos reinventar. Nada será como antes; a interação social mudou, e passamos a nos cuidar mais e a nos preocupar com o bem-estar do outro. Na educação, as mudanças foram ainda mais impactantes, pois estávamos acostumados a ver a escola cheia de alunos, professores e funcionários. E, de um dia para o outro, nossa realidade foi o silêncio. Salas e corredores vazios, e os professores fazendo o seu melhor através de um computador”.

Com todas essas mudanças na dinâmica escolar, foi preciso adaptação e reorganização em todos os âmbitos. Juliana Boff, psicóloga e educadora, acredita que a flexibilidade ajudou muito e deve continuar ajudando: “Outra lição deixada pela pandemia foi a centralidade ao ser humano. Além do aprendizado, conteúdos e questões cognitivas, que sempre estão presentes na educação, percebemos que, mais do que nunca, foi necessário resgatar aspectos do humano, como relações, conexões, afetividade e espiritualidade. Com a Covid-19, os alunos também perceberam o quanto fez falta o espaço da escola, as relações ali formadas, o encontro com os colegas, o momento do lanche, a conversa antes da aula, bem como os rituais desta instituição”.

No colégio em que trabalha, o Sion, por exemplo, ao enfrentarem esse período, a relação com as famílias foi um divisor de águas, porque a escola foi para dentro das casas, e os pais começaram a vê-la de outra maneira. “Perceberam o cuidado dos professores com os alunos, o modo como se posicionavam, como ensinavam. Inclusive, muitos deles acompanhavam as aulas

remotas. E, claro, as tecnologias digitais contribuíram bastante como instrumento de ligação, contato e proximidade da escola com as famílias e alunos. Porém, a tecnologia não faz nada sozinha, e a parceria humana, com professores, equipe pedagógica, pais e alunos, foi essencial”, afirma Juliana.

Para a escritora e educadora Janine Rodrigues, é importante compreender que a pandemia não trouxe tantos novos problemas quanto se imagina, e, sim, potencializou problemas existentes. Sua opinião está ancorada em uma longa lista de pesquisas e estudos. Para se ter uma ideia, segundo o Censo Escolar de 2019, o Brasil tem cerca de 48 milhões de estudantes matriculados na Educação Básica, sendo que o acesso ao Ensino Médio, etapa definidora da vida universitária, é menor que o dos anos anteriores, principalmente entre os mais pobres, os pretos, os pardos e os moradores de áreas rurais.

“O que ocorre é que aquilo que era problema somente para determinados grupos sociais agora afeta amplamente outros grupos, e isso pode dar a impressão de que tudo é novo. Mas o que acontece é que a pandemia aumentou a desigualdade e, conseqüentemente, a visibilidade sobre o tamanho desta desigualdade. Acho que aí vale uma reflexão importante: enquanto não tratarmos os problemas sociais como problemas de todos, não avançaremos. Se insistirmos em soluções imediatistas e egoístas, não avançaremos”, conta Janine.

Quais são as previsões para a Educação em 2022?

Rogéria aponta que as dificuldades vivenciadas em 2020 e 2021 se tornarão bases para que possa ser estruturado um trabalho pedagógico cada vez mais seguro e adaptativo: “Todo conhecimento adquirido pela equipe escolar e pelos professores será o alicerce para planejar os próximos anos. A pandemia acelerou uma transformação. Escolas, professores, alunos e famílias se viram migrando para o ensino remoto, e essa prática, com certeza, será utilizada nos próximos anos. Em 2021, nosso maior foco foi o acolhimento emocional dos alunos. Em 2022, além do cuidado com a saúde emocional de cada um, a equipe pedagógica do Colégio Joseense terá todas as tecnologias e inovações aliadas à nossa prática didática de excelência para minimizar as possíveis lacunas de aprendizado resultantes da pandemia”.

O presente do ensino já precisa de adaptações e atualizações, lembra Rafael Sanchez: “Muitas escolas ainda usam metodologias passivas de aprendizagem. Isso, além de desmotivar os alunos, também não tem um impacto significativo no aprendizado das pessoas. No futuro, precisaremos, cada vez mais, passar a utilizar metodologias ativas de aprendizagem, incorporar a tecnologia como ferramenta que auxilia de várias formas. Em relação a 2022, é essencial que as escolas façam uma análise dos seus alunos para entender, com mais assertividade, quais assuntos dos últimos dois anos ficaram com mais lacunas. No caso dos estudantes, é necessário que continuem trabalhando a sua autodisciplina para ampliar as possibilidades de aprenderem sozinhos. O ano de 2022 ainda vai demandar um esforço extra de todos para recuperar as falhas de aprendizado que talvez tenham aparecido em cada um”.

Carlos Fernando complementa que as gerações futuras se beneficiarão dessa adaptação com mais flexibilidade e personalização do ensino, além do uso de metodologias ativas e de recursos imersivos de aprendizagem, tais como vídeos 360º, realidade virtual, mista e aumentada. “As escolas deverão investir em professores, metodologias e tecnologias. As experiências aprendidas durante a pandemia terão grande impacto nos diversos níveis de ensino. No caso do Ensino Fundamental, em especial nas séries finais, as escolas utilizarão cada vez mais ambientes virtuais de aprendizagem. No Ensino Médio, com a implantação da nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular), os alunos, em muitas escolas, terão componentes híbridos. Os pais e estudantes devem estar atentos às ofertas das instituições e se estas se encaixam nos seus desejos”.

A tendência é o retorno pleno ao ensino presencial à medida que a maior parcela da população for vacinada. Porém, a Educação tem um grande desafio pela frente, porque ficaram mais evidentes as desigualdades sociais e foi aumentado o fosso entre a educação pública e privada. Juliana Boff destaca que, nesse “novo normal”, as tecnologias introduzidas na pandemia vão permanecer e a Educação precisa ser reconfigurada, colocando o aluno no centro do conhecimento.

“No Sion, a metodologia montessoriana, adotada há décadas, já tem a preocupação de ter o estudante como centro do processo educativo. Porém, em âmbito macro, a Educação precisa repensar o modelo

tradicional, no qual os professores têm uma atitude ativa e os estudantes apresentam uma atitude mais passiva. No cenário atual, o aluno tem acesso fácil e rápido à informação por diversos meios. O mundo da escola é muito mais do que a informação; ele tem a função de transformar as informações em conhecimento, interligando-as, identificando aquelas que são verdadeiras e conectá-las à realidade. O papel do professor é levar o aluno a desenvolver uma análise crítica e saber as possibilidades de ação com as informações disponíveis.”

“[...] vale uma reflexão importante: enquanto não tratarmos os problemas sociais como problemas de todos, não avançaremos. Se insistirmos em soluções imediatistas e egoístas, não avançaremos”
– Janine Rodrigues

De qualquer modo, não parece existir uma resposta exata a essa questão. Cada escola, profissional, aluno e família, dentro de suas limitações e sua comunidade, fará o seu melhor. “Estamos trabalhando incansavelmente para termos uma educação mais digna para todos e todas, para que a educação seja efetivamente direito, e não privilégio. Não faz sentido falar de um futuro com educação híbrida, com diversidade tecnológica, com mídias múltiplas, se, ao final, ela não é uma educação inclusiva. Então, o que desejo e trabalho para tal é que nosso foco seja equidade na educação para termos uma sociedade justa”, complementa Janine.

Algo mudou ou mudará quanto à prática dos educadores?

Rogéria parte do princípio de que, certamente, todos precisaram se reinventar devido à instabilidade



e da incerteza do momento para lidar com todas as novas situações, perdas e medos: “Não tínhamos uma previsão de fim e nem sabíamos como seria o caminho que iríamos ter que percorrer. Apesar de todos os transtornos, prejuízos, estresse e ansiedade que vivemos na educação, aprendemos muito, buscamos novas estratégias e tecnologias para entregar as melhores aulas ao vivo e acolhimento por meio do ensino remoto. Os impactos causados pela pandemia ainda interferem no cotidiano escolar, gerando desafios diários para toda a equipe pedagógica e para as famílias”.

Nesse período, o que já sabiam, como profissionais e educadores, guiou o aprendizado daquilo que ainda não conheciam, ou seja, a bagagem dos profissionais da Educação foi posta à prova, bem como sua capacidade de agir rápido e sob pressão. “Foi essa bagagem que nos ajudou a encontrar soluções. Nós vivemos sempre diante do imprevisível. Não temos condições de saber qual será o acontecimento futuro, mas, como seres humanos e educadores, temos capacidade de encontrar as soluções para o que se apresenta, a capacidade de nos reinventarmos. Um aspecto que

no Sion é muito forte e temos sempre como pano de fundo, orientando nossas ações, é o nosso objetivo de formar o ser humano na sua integralidade. O ser humano se forma não só cognitivamente, mas também emocional, social e espiritualmente, e, na educação humanista, temos sempre a preocupação de desenvolver as diferentes dimensões do ser humano”, conta Juliana.

Assim, se a tecnologia obteve destaque, as conexões humanas tiveram ainda mais, e elas deverão ser reavaliadas em uma retomada ao cotidiano “normal”. “O valor dos momentos presenciais vai muito além de poder ‘trabalhar o conteúdo’ com os alunos ‘olho no olho’. É um momento excelente para trocas de experiências, para conversas e debates, e deve ser planejado com muito mais cuidado e intencionalidade”, diz Rafael.

O futuro do ensino precisará de adaptação?

Janine acredita que com certeza precisará, pois esta já era uma demanda antiga, que a pandemia só tornou mais notória: “Precisamos pensar na formação



dos professores, pois ninguém dá o que não tem. As tecnologias e a socialização dos saberes são fundamentais, mas precisamos pensar que necessitamos dos professores. Eles e elas são fundamentais. Precisamos repensar também o espaço da escola para que este seja cada vez mais um espaço de produção de conhecimento, e não de privação de criatividade”.

Juliana relembra que, coincidentemente, estamos no ano em que é celebrado o centenário de Paulo Freire, que sempre prezou por uma educação que formasse pessoas críticas e falava sobre esperança do verbo “esperançar”, isto é, de apresentar uma atitude ativa, buscar soluções, novos horizontes, e não esperança do verbo “esperar”. “Não é uma condição passiva. O que estamos fazendo para criar um mundo melhor? Vivemos, e ainda estamos vivendo, inúmeros desafios, mas sempre temos como pano de fundo a esperança e a arte, que nos colocam em uma atitude ativa e positiva diante da vida, nos auxiliam a manter a saúde mental, espiritual. Quando tivermos todos os alunos em sala de aula, as escolas precisarão ter a capacidade de percebê-los de uma forma integral, reconhecendo suas emoções e identificando em que ponto da aprendizagem estão. A partir desse olhar, será possível reorganizar currículos e ações em prol da formação integral do ser humano”.

Quais são os primeiros passos, então?

Segundo a pesquisa *Todos y todas sin excepción*, produzido pelo Relatório de Monitoramento Global da Educação (Global Education Monitoring – GEM) e o Escritório Regional de Educação para a América Latina e o Caribe (OREALC/UNESCO Santiago), junto ao SUMMA, os estudantes de escolas brasileiras e de países vizinhos devem voltar para o nível de aprendizagem em que estavam antes de todo o ocorrido somente em 2030.

Para minimizar os estragos e correr atrás do prejuízo, evitando uma defasagem ainda maior, o relatório aponta algumas medidas:

- Produzir melhores dados sobre aqueles alunos que ficaram para trás e utilizá-los para guiar a mudança;
- Fornecer uma formação de professores para ensinar de maneira inclusiva;
- Disponibilizar currículos e livros didáticos que representem todos os grupos de modo justo e respeitoso;
- Manter uma colaboração horizontal para compartilhar informações, definir padrões e sequenciar serviços de suporte;
- Fornecer apoio coerente para a transição entre os níveis de educação, principalmente aos alunos desfavorecidos;
- Ofertar mais do que conhecimento aos professores – afinal, eles também precisam de boas condições de trabalho;
- Aos gestores, lembrar e aplicar em suas rotinas a ideia de que um ambiente escolar inclusivo depende de líderes escolares visionários;
- Envolver a comunidade – só assim se reforça o senso de identidade, pertencimento e solidariedade;
- Por fim, direcionar o financiamento para aqueles estudantes que ficaram para trás.

LEB: educação e tecnologia em um único ambiente!

Sempre buscando inovações e trazendo em seu nome o compromisso com a educação brasileira, a **Editora do Brasil** conta com uma plataforma exclusiva integrando tecnologia e conteúdos didáticos, tendo como objetivo o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais e aprendizagens mais significativas: o **Laboratório Educativo Brasil – LEB**.

Desde 2017, ano de lançamento da plataforma, professores e gestores de todos os segmentos da Educação Básica encontram recursos que garantem uma experiência de ensino mais dinâmica, acessível e colaborativa!

- Recursos digitais com orientação pedagógica e adequados ao segmento de ensino: atividades interativas, banco de questões, sequências didáticas, projetos integradores, projetos de leitura, e muito mais;
- Organização de materiais para o planejamento e a aplicação das aulas;
- Conteúdos alinhados de acordo com a proposta didática de cada coleção e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

RECURSO EXCLUSIVO

EXPEDIÇÃO BRASIL

A Editora do Brasil é pioneira em oferecer para a sua escola aulas de campo virtuais* e com momentos de interatividade, em que é possível navegar em imagens 360°!

*O Expedição Brasil está disponível para as obras *Tempo de Geografia* e *Panorama da Arte*.

PANORAMA DA ARTE



TEMPO DE GEOGRAFIA



QUER SABER MAIS? ACESSE: EDITORADOBASIL.COM.BR/LEB





Como desenvolver uma criança leitora?



Desde o momento em que se descobrem “grávidos” e esperam a criança nascer, pais e mães são bombardeados com mensagens sobre a importância da leitura. Esse assunto vem à tona por uma ótima razão: os benefícios da leitura em todas as fases do desenvolvimento de uma criança. Seus reflexos posteriores, já na vida adulta, são extensos e bem documentados.

Por exemplo, pesquisadores da University of Edinburgh e do King’s College London testaram, cinco vezes, 1.890 pares de gêmeos, entre as idades de 7 e 16 anos, para avaliar sua capacidade de leitura e QI. Descobriram que o irmão que tinha mais capacidade de leitura também tinha mais habilidade verbal e não verbal. Isso ocorre porque o constante contato com as palavras é um exercício que dificilmente se compara apenas à memorização de informações e dados. Quando ler é um hábito de interesse, a inteligência é ativada e tonificada como se fosse um músculo.

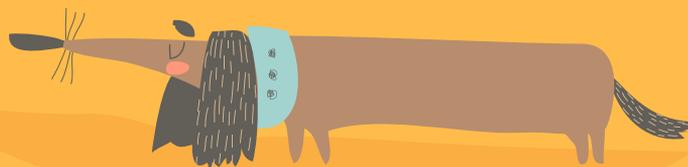
Em outro estudo, conduzido pela University of Toronto, descobriu-se que as pessoas que têm o hábito de ler contos de ficção tendem a ser mais abertas do que os colegas que não os leem, pois experimentam necessidade muito menor de fechamento cognitivo (conceito referente à inquietação de buscar e manter uma resposta definitiva diante de algo), o que facilita o

processamento geral das informações e a criatividade. Já segundo pesquisadores da University of Liverpool, que entrevistaram 4.164 adultos, leitores são menos estressados e deprimidos e também apresentam mais autoestima e capacidade de lidar com desafios. Quando comparados aos não leitores do grupo, eles também tendem a ter amigos mais próximos e maior apego à comunidade, assim como mais conhecimentos sobre questões sociais e diversidade cultural.

Outros estudos ainda mostraram que um dos benefícios da leitura é ser um veículo de empatia. A ficção pode ajudar os leitores a entender o que os outros pensam; afinal, eles leem as emoções dos personagens envolvidos nas histórias. Foi o que uma pesquisa publicada na revista *Science* apontou. Isso os torna mais empáticos pelos outros, com mais respeito pelas crenças e pelos desejos alheios.

Já os pesquisadores da Yale University estudaram 3.635 pessoas com mais de 50 anos. Os participantes que passaram 30 minutos por dia lendo viveram, em média, 23 meses a mais do que as pessoas que não leram. Ou seja, se você procura a fórmula da vida eterna, leia mais!

Com todo esse suporte científico de estudos e pesquisas, fica fácil identificar a influência positiva da leitura ao longo de nossas vidas; como indicam, quanto



mais cedo nos envolvermos no mundo da leitura, maior será nosso desenvolvimento como indivíduos, porque quanto mais você lê, mais você sabe. Quanto mais você sabe, mais consegue entender quais eram os pontos que não conhecia antes da experiência de leitura, sentindo mais vontade de aprender. Quanto mais vontade você tem de aprender, mais mantém sua mente aberta para aprender mais e, consequentemente, ler mais.

Os dez principais benefícios da leitura para crianças

1. Aumenta o vocabulário
2. Influencia o desempenho acadêmico
3. Ajuda a imaginação a correr solta
4. Incentiva as habilidades de criatividade
5. Fomenta a empatia
6. Fornece compreensão de mundo
7. Resulta em maiores níveis de concentração
8. Fortalece vínculos entre membros da família
9. Apoia o desenvolvimento cognitivo
10. Melhora habilidades sociais e de interação

Como os professores podem incentivar a leitura?

Se você é professor, ler para a classe é comum. No entanto, algumas crianças só têm essa chance na escola, e não em casa. Nesses casos, comece tentando comunicar aos pais e/ou responsáveis qual é a importância da leitura. Um dos caminhos para isso é a divulgação de um boletim informativo incluindo algumas sugestões de livros que podem ser lidos em casa junto à família. Também é uma boa ideia começar um clube do livro. Se tiver tempo, envolva sua classe ou toda a escola. Como parte desse movimento, você pode sugerir um livro por semana, quinzena ou mês para as crianças lerem em casa. Nas discussões sobre a leitura, verifique a compreensão e o envolvimento que a obra despertou entre elas. Por fim, mas não menos importante, deixe seus alunos saberem que você também leu e gostou da história. Converse com eles sobre seu livro favorito.

Como a família pode influenciar no hábito de leitura das crianças?

Se você lê com a criança em casa, está complementando o que ela aprende na sala de aula, além de dar a ele um apoio individual adicional. Para criar apaixonados pela palavra escrita, comece esse processo cedo. Mesmo antes de saber ler, uma criança tem contato com outros estímulos, como a observação de imagens e a audição da voz de quem narra, além de poder imaginar e criar as suas próprias histórias a partir do que vê. Então, leia em voz alta e aponte para as imagens nas páginas, dizendo o nome dos objetos que aparecem nelas. Esta prática viabiliza a compreensão dos objetos do mundo real e da importância da linguagem. Mesmo depois que a criança aprender a ler sozinha, este hábito ainda a estimulará a praticar o ato da leitura.



É interessante criar uma rotina e fazer o possível para que toda a família – pais, mães, filhos e filhas – leia todos os dias. No início pode ser difícil, mas depois se tornará um hábito tão corriqueiro quanto escovar os dentes. No entanto, não se cobre tanto. Se perderem algum dia, apenas retomem a rotina normal quando tiverem tempo. Depois de terminarem de ler uma história, tente fazer perguntas sobre a obra. Por exemplo: “Você gostou do livro?”, “Qual é o seu personagem favorito? Como você o imaginou?”, e por aí vai.

Já conhece o **Livríssimo**?

É importante, nesse processo, que os condutores sejam ou os professores ou a família da criança, variando os livros sempre que possível. Isso abrirá os olhos da criança para uma infinidade de mundos, culturas e personagens diferentes, possibilitando, também, que sua imaginação se expanda e prospere. É nesse momento que a **Editora do Brasil** ajuda você: nosso catálogo de lançamentos está recheado de títulos surpreendentes voltados para todas as idades. Há novas versões de clássicos, como *O pequeno príncipe*, *O navio negreiro* e *A revolução dos bichos*, e também novidades acessíveis a crianças menores, tal como *Frederico, Frederico...*, obra sobre um garoto esperto e teimoso que consegue enxergar o mundo de uma maneira especial. Para Frederico, o mundo não é feito de obstáculos, e sim de oportunidades. Ele encafifou que quer ser doutor e não tem quem tire a ideia de sua cabeça. Uma criança pode ser o que quiser quando crescer, não é mesmo? É só acreditar! Trata-se de uma belíssima reflexão sobre identidade, negritude, racismo e empoderamento.

Meu avô, os livros e eu ou como resistir em tempos incertos é outro bom exemplo que trabalha temáticas relacionadas com a pandemia, como o isolamento, as aulas pela internet e o distanciamento social, pelos olhos de Natália, garota que deseja e precisa viver uma aventura. Na trama, seu avô a convida para uma viagem literária (sem sair de casa, claro). Justamente o que você, pai, mãe, responsável ou professor, vai propor aos seus pequenos!

Gostou desse conteúdo e quer se manter atualizado para criar pequenos e grandes leitores? Pois as boas novas da **Editora do Brasil** não param por aqui! Como complemento a todo conteúdo didático já lançado no **#BlogDaBrasil**, agora também existe um portal voltado para a literatura: o **Livríssimo**. Nele, há dicas de como fomentar o hábito de leitura, indicações de livros por tema e especialidades, tendências e pesquisas literárias.

Acesse www.livrissimo.com.br
e divirta-se!



Educação Infantil pós-pandemia e a importância da escuta no desenvolvimento infantil

O dia a dia do professor que trabalha com crianças pequenas é repleto de oportunidades e incertezas. Com a pandemia, todos os aspectos da sua prática ficaram ainda mais delicados: como ler nas entrelinhas as curiosidades e os interesses das crianças após todo o período de distanciamento físico? Como trabalhar um currículo focado em experiências significativas e contextualizadas que promovam construção da identidade, interações, múltiplas expressões e linguagens?

A escuta é um dos caminhos possíveis. Pensemos: escutar, diferentemente de ouvir, é o ato de se atentar. A diferença entre um ato e outro é percebida no que ocorre depois de o ouvinte receber o som. Quando ele está apenas ouvindo, há pouca interação e, conseqüentemente, pouca ação. Quando ele está escutando, já foca na mensagem recebida. Após a pandemia, para se aproximar dos pequenos, trazer suas famílias para a sala de aula e traçar um caminho seguro para a retomada presencial, escutar é mais do que necessário.

Para pensar o papel da ação embasada na escuta ativa, Joyce M. Rosset, Bacharel em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), orientadora educacional, formadora de educadores de escolas da rede privada e pública e coautora do *blog Tempo de creche*, da *Coleção Tangará – Educação Infantil 1 e 2* e da obra *Práticas comentadas para inspirar*, lembra que é preciso oportunizar contextos de brincadeira para que as crianças elaborem suas questões e o educador as entenda, já que nem sempre elas se expressarão de modo claro.

“As crianças estão chegando com diversos aspectos do desenvolvimento a serem observados, analisados e considerados nas propostas de atividade e nas rotinas. Algumas, pequenas, nunca frequentaram a escola, e outras passaram um tempo significativo de suas vidas fora dela. Assim, o clima está confuso para os professores”, explica.

A escuta ativa e generosa sempre foi uma postura central na Educação Infantil e existem muitas razões para justificar isso. Ao escutar as crianças, o educador está comunicando que elas merecem atenção, fazendo-as se sentirem importantes. Em determinadas situações, se elas quiserem compartilhar uma opinião e forem orientadas a ficarem caladas ou forem ignoradas, começarão a sentir que seus sentimentos e suas opiniões não importam. Isso, por sua vez, terá um impacto negativo na sua autoestima e visão de mundo.

“A criança se expressa por diversas linguagens, e é preciso abrir-se para registrar e analisar o que ela está querendo nos dizer. É só assim que podemos descobrir pistas para ampliar e aprofundar as aprendizagens. Já dizia Vygotsky: é preciso encontrar brechas de curiosidade e interesse a partir das vivências e experiências das crianças... E, sem escuta, como descobrir tudo isso?”, diz Joyce.

Mais do que nunca, o momento atual reforçou a importância desse cuidado, que faz parte das demandas socioemocionais urgentes. Com a reabertura das escolas e o retorno às aulas presenciais, há um cenário que exige prover acolhimento e adaptação tanto para as crianças como para as famílias e os profissionais da Educação Infantil.



Livríssimo, o novo portal de conteúdos da Editora do Brasil, está chegando para ser parceiro literário de todas as famílias!

Crianças, adolescentes e adultos vão descobrir um universo de histórias com o selo de carinho e afeto pelo qual a **Editora do Brasil** é conhecida quando se trata de literatura para crianças e adolescentes. Cada página é um passo em direção à formação de um cidadão consciente, crítico e autônomo.

No portal, as famílias encontrarão conteúdos para incentivar crianças e adolescentes a entrarem no universo da leitura. Artigos, entrevistas e atividades, além das belas e instigantes histórias da **Editora do Brasil** como dicas de leituras, fortalecem nosso papel de apresentar a leitura como caminho verdadeiramente transformador.

**LIVRÍSSIMO É UM PROJETO DA EDITORA DO BRASIL
QUE É PURO AMOR PELA LEITURA!**

livrissimo.com.br



Novo Ensino Médio e o papel dos Itinerários Formativos

Imagem: Shutterstock

O Ensino Médio mudou para se adaptar às necessidades das novas gerações inseridas no cotidiano digital e também para dar espaço ao protagonismo dos estudantes e ao desenvolvimento das habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com isso, vieram duas principais novidades: a Formação Geral Básica (FGB) e os Itinerários Formativos (IF).

Como é estruturada a Formação Geral Básica?

A Formação Geral Básica diz respeito às aprendizagens mínimas necessárias para uma educação de qualidade e é norteada pela BNCC, que apresenta os conteúdos mínimos a serem aplicados ao longo dos anos. A FGB pode ser trabalhada por componentes curriculares, entendendo as adaptações que podem ser necessárias até o desenvolvimento por áreas

do conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Nesse caminho, a organização por áreas do conhecimento visa oferecer uma formação transdisciplinar, que contemple a pluralidade de aproximações em torno de um conteúdo, além de propiciar a elaboração e execução de projetos.

E como são organizados os Itinerários Formativos?

Já os Itinerários Formativos são a parte flexível do currículo. É nesse núcleo que o estudante poderá realizar escolhas para a sua formação, partindo de quatro eixos estruturantes: investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural e empreendedorismo. Além disso, os IF podem ser de

aprofundamento, de formação técnica e profissional ou integrados, com a combinação de diferentes áreas de conhecimento ou associados à formação técnica.

Os IF podem ser ofertados conforme a realidade das instituições de ensino, e os estudantes têm a possibilidade de cursar um IF ou mais, considerando sua própria disponibilidade e garantindo formação mais completa e diversificada.

De acordo com o currículo e a proposta político-pedagógica de cada escola, a carga horária deverá ser distribuída em no mínimo 1.800 horas para a FGB e 1.200 horas para os IF.

Considerando que o Novo Ensino Médio começará a ser implementado gradualmente a partir de 2022, cada instituição de ensino deve olhar para dentro e pensar qual carga horária é praticada atualmente, assim como qual é o perfil dos estudantes que deseja formar. Com a resposta em mãos, deve refletir se há aquilo que é necessário incluso no planejamento da escola que deseja ser e do que pode prover ao seu corpo docente e discente.

A **Editora do Brasil** acompanha o ritmo das mudanças; para o trabalho com os IF, partindo da premissa de flexibilidade e adaptabilidade tão própria deles, ouviu as demandas dos educadores e formulou a **Coleção Novo Ensino Médio**. Ela é composta por livros didáticos digitais que podem ser adaptados pela escola e se encaixam perfeitamente no sistema híbrido de ensino. Os professores poderão customizar os conteúdos, excluindo ou trocando capítulos entre títulos da mesma coleção, de acordo com aquilo que mais se encaixar na sua proposta pedagógica. Ou seja, assim como os jovens montarão suas trilhas de aprendizagem considerando seus interesses, as obras dessa coleção possibilitarão aos professores montar seus livros ideais.

A coleção também possibilita novas formas de interação, como a marcação de trechos importantes ou de exercícios a serem feitos no próprio livro. Tudo isso está disponível pela **Plataforma Essia**: um ambiente com atividades práticas direcionadas a estudantes e relatórios de progressão individualizados, que também promove mais interação entre estudantes e professores, adaptando a escola às mudanças do mundo.



Saiba mais sobre os Itinerários Formativos e a **Coleção Novo Ensino Médio** assistindo a um bate-papo especial no Youtube!



Imagens: Shutterstock



**Editora
do Brasil**



essia



COLEÇÃO NOVO ENSINO MÉDIO



Editora do Brasil e Essia Educação levando o Novo Ensino Médio para a sua escola!



O Ensino Médio mudou. As necessidades das novas gerações, inseridas no cotidiano digital, são diferentes, com foco no protagonismo e na atuação ativa dos estudantes no ambiente escolar. Por isso, a Lei 13.415/2017 modificou o conteúdo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, com isso, estabeleceu a mudança na estrutura do Ensino Médio.

O Novo Ensino Médio traz uma estratégia diferenciada: as percepções práticas norteiam todo o desenvolvimento das habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e, por isso, fez-se necessário um aumento na carga horária. Ao longo dos três anos do Ensino Médio serão trabalhadas, no mínimo, 3.000 horas, podendo chegar posteriormente a 4.200 horas. As propostas também mudam e passam a focar o desenvolvimento integral dos estudantes, dando-lhes autonomia nas escolhas referentes a sua formação.

Chegou, então, o momento de a escola fazer alguns questionamentos: qual é a carga horária atualmente praticada pela instituição? Há algum componente curricular nos Anos Finais do Ensino Fundamental que trabalhe o autoconhecimento e a organização do planejamento do futuro dos estudantes?



A EDITORA DO BRASIL, EM PARCERIA
COM A ESSIA EDUCAÇÃO, OFERECE
SOLUÇÕES PARA ESSE NOVO CENÁRIO!

- Itinerários Formativos
- Projetos de Vida
- Obras por Área do Conhecimento
- Obras por Temas Disciplinares
- Plataforma de material interativo
- Assessoria Pedagógica especializada

INOVADORA PLATAFORMA DIGITAL!

Livros digitais e uma experiência inovadora e personalizada, facilitando a vida do professor e envolvendo muito mais os estudantes!

DIFERENCIAL: os professores poderão customizar os conteúdos das obras adotadas, deixando o material perfeitamente adequado à sua proposta pedagógica!

LEVE O NOVO ENSINO MÉDIO PARA A SUA
ESCOLA: ENTRE EM CONTATO CONOSCO!

✉ atendimento@editoradobrasil.com.br

☎ (11) 99329-5316

☎ 0300 770 1055



Novo Ensino Médio e *A revolução dos bichos*

Considerado por muitos como um dos melhores livros do século XX, *A revolução dos bichos* é, inegavelmente, um clássico para todas as idades. O livro, escrito pelo inglês George Orwell (1903–1950), alegoriza a Revolução Russa de 1917, quando a autocracia czarista foi derrubada pelos bolcheviques em sua chegada ao poder, assim como os acontecimentos que se sucederam a esse episódio histórico.

Baseando-se na tradição das fábulas com animais, Orwell conta a história que se passa dentro de uma

fazenda, onde os líderes revolucionários Vladimir Lenin (1870–1924), Leon Trotsky (1879–1940) e Josef Stalin (1878–1953) são porcos que se aliam a outros animais, como cavalos e galinhas, e se rebelam contra a tirania do fazendeiro. Ao longo da trama, o romance segue o coletivo de bichos trabalhadores que labutam dia após dia na crença de estarem reconstruindo a fazenda como uma república; entretanto, no lugar disso, todos eles estão novamente no ciclo de exploração, apenas mudando as figuras de autoridade.



“Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros.”

Ao escolher a fábula – muitas vezes trabalhada apenas na literatura infantil – para abordar esse difícil sentimento, George Orwell consegue oferecer uma crítica complexa, divertida e realista ao mesmo tempo. O trabalho do autor é tão exímio que superou o seu tempo e se tornou uma crítica contundente a uma gama de temas que superam o discurso político.

Mas por que *A revolução dos bichos*, em particular, se opõe tão fortemente ao teste do tempo?

A revolução dos bichos foi escrita no final da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), quando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) era saudada pelas forças aliadas (incluindo os britânicos) por suas vitórias sobre a Alemanha nazista em Stalingrado (1942–1943) e Kursk (1943). Esse fato dificultou ao autor encontrar um editor por um tempo, até a obra ser finalmente lançada em 1945. O sucesso que acompanhou o livro nos anos seguintes, sem dúvida, teve influência da dissolução das alianças de guerra e dos primeiros passos da Guerra Fria.

Daí nasceu uma espécie de relação ambígua com o texto, pois houve uma apropriação imediata do seu sentido político, mas ele é bem mais do que isso. Cássio Starling Carlos, jornalista, crítico e pesquisador de audiovisual, escreveu o posfácio da recém-lançada edição de *A revolução dos bichos* pela **Editora do Brasil**, intitulado “A fábula universal e atemporal de

Orwell”. Em entrevista, ele contou que seu primeiro contato com a obra foi na adolescência, por volta da década de 1970.

“Quando reli o livro para escrever o posfácio, percebi que ele tinha se amplificado. Isso é fascinante do ponto de vista das obras estéticas, porque elas não ficam limitadas no tempo, ganham significações ao longo dos processos históricos. Ao reler, identifiquei a obra como um comentário ao nosso presente. Você percebe, claramente, a partir dessa minha experiência, que se trata de um texto atemporal, porque, claro, há um contexto de nascimento, mas esse contexto não restringe o seu alcance”, comenta. Pelo contrário; por mais que Orwell tenha intencionalmente dirigido seu discurso aos protagonistas históricos de seus tempos, a obra ganhou vida própria, e Cássio acredita que, com o passar dos anos, só se adicionaram camadas e significados à trama.

Mas o que *A revolução dos bichos* e o Novo Ensino Médio têm em comum?

A resposta a essa pergunta começa na contextualização do que é o **Novo Ensino Médio**, cuja elaboração trouxe mudanças na carga horária e na dinâmica de formação dos estudantes. A partir de sua estrutura, a organização curricular será mais flexível, contemplando a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, ou seja, os chamados Itinerários Formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. Tudo isso dará mais ênfase ao desenvolvimento do protagonismo juvenil e ao Projeto de Vida, assim como às habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Conhecimento; Pensamento científico, crítico e criativo; Repertório cultural; Comunicação; Cultura digital; Trabalho e projeto de vida; Argumentação; Autoconhecimento e autocuidado; Empatia e cooperação; e Responsabilidade e cidadania. Tudo isso pode ser visto e trabalhado a partir da leitura atenta de *A revolução dos bichos*.

Os adolescentes do Ensino Médio estão chegando a uma idade na qual se espera que se decidam sobre seus futuros e se engajem como cidadãos, porém não é de uma hora para a outra que se constrói essa clareza para a ação. É preciso que eles recebam as ferramentas para pensarem criticamente sobre eles mesmos e o mundo que os rodeia. Por meio dessa obra, além de se formarem como leitores, os jovens aprendem

que sua voz é vital e que o direito de ser ouvido nem sempre é garantido. O trabalho de Orwell incentiva todos a serem ativos no curso da história, não apenas fornecendo uma força de trabalho, mas também informando e tornando os jovens capazes de opinar.

Como o estilo do autor é conhecido por ser conciso, nítido e contundente, proporciona uma jornada de fácil acesso e se configura como uma excelente seleção para estudantes de várias idades – em especial, os do Ensino Médio. “Por mais que o livro parta dessa ideia de analogia, que geralmente é uma construção que imaginamos ter uma sofisticação, Orwell optou pela linguagem simples e direta, para que fosse lida como fábula. E a fábula tem essa característica, pode ser lida por uma criança com o sentido de conto de fadas; mas sobre isso há as interpretações históricas e políticas, os significados, digamos, desdobrados”, aponta Cássio.

Ainda assim, o especialista na obra destaca que, às vezes, raciocinamos de modo estreito pela concepção de que, para escrever com uma linguagem simples e destinada ao público infantil, não há uma estratégia de escrita elaborada. A verdade, no entanto, é mais complexa que isso, já que é preciso resumir sem simplificar ou banalizar o rico plano da linguagem. É por isso que geralmente se apresenta *A revolução dos bichos* durante a adolescência, fase de transição para conteúdos mais complicados.

O romance é um perfeito exemplo de demonstração de como a linguagem pode ser usada para controlar mentes, uma vez que os adolescentes são especialmente influenciados por múltiplas pressões provindas de amigos, grupos externos, sistemas, publicidades e indústrias. Ao explorar o uso habilidoso da pressão dos pares usada pelos porcos para manter os outros animais na linha, pode-se aprender a analisar suas próprias vidas e descobrir como a pressão controla ações.

Como trabalhar *A revolução dos bichos* no contexto do Novo Ensino Médio?

Para um professor de História, por exemplo, a dica inicial de Cássio é a apropriação do livro primeiro em diálogo com o momento de emergência de sua concepção, a Guerra Fria, e depois trazendo-o para o presente. Ou seja, não trabalhar a história apenas com o foco no passado, mas também observando como o olhar que Orwell captou naquele contexto continua atual no nosso presente. “Tudo o que na trama é dito

como controle da linguagem, função da propaganda, que dizia respeito ao final dos anos 1940, continua retrabalhado na nossa época, o que inclui o que chamamos de *fake news* e pós-verdade, por exemplo. No livro, há um personagem responsável pelas versões da história, um intermediário entre o poder e os subordinados, e é ele que reinventa o significado da ação do chefe”, aponta.

Contudo, o trabalho com *A revolução dos bichos* não se resume às aulas de História. Além disso, há muito a ser aprimorado para o professor de Línguas e Literatura a partir da ideia de como a linguagem determina o tempo e o texto. Esse caminho, inclusive, pode ser espelhado interdisciplinarmente em variadas áreas do conhecimento: “Diria até que o livro pode ser usado do ponto de vista biológico, porque há uma espécie de hierarquia animal. Primeiro os humanos são expulsos, depois há uma nova ordem que passa pela significação do valor das espécies: os baixos, os médios e os altos... Os de carga e os pensantes”.

Do entendimento da necessidade de fomento ao protagonismo juvenil e das habilidades da BNCC, há toda uma narrativa que não se desenrola apenas no sentido da luta de classes. Cássio aponta que existe

a temática, mas em contraste às várias tentativas dos personagens intermediários por vingança, isto é, por assumir uma tarefa: “Não existem lugares fixos naquela história; ela permite que os personagens reocupem posições não necessariamente de poder. Isso é muito interessante também do ponto de vista narrativo, porque dá voz aos personagens, que não ficam acucados diante de um poder autoritário. Há vários momentos, ao longo da trama, que os que sofrem a repressão têm voz; a questão é o quanto essa voz é projetada para fora do corpo”. A dica é trazer o debate para a perspectiva dos estudantes e buscar entender como eles se identificam com essas questões.



Cuidando da saúde mental dos nossos estudantes

Em setembro de 2021, a **Editora do Brasil**, ao lado da **Soul Mind**, promoveu um encontro *live* com a Diretora de Pesquisa e Desenvolvimento da Academia Soul, Flávia Sato, pós-graduada em Gestão Emocional pelo Hospital Israelita Albert Einstein, pós-graduada em Liderança e *Mindfulness* pela New York University e instrutora certificada do programa *Cultivating Emotional Balance* pelo Santa Barbara Institute, para debater a difícil tarefa que é cuidar da saúde mental dos estudantes das escolas brasileiras.

A convidada começou o bate-papo com um ponto muito importante: estamos, no geral, cada vez mais ansiosos. Com a pandemia e o isolamento social, esse efeito foi especialmente maximizado entre as gerações mais novas. Segundo a pesquisa “Juventudes e a Pandemia do Coronavírus”, feita pelo Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) com 68 mil jovens pelo país, 43% deles pensaram em desistir dos estudos nos últimos meses. No meio de 2020, esse percentual era de 28%.

Ademais, cerca de dois mil entrevistados afirmaram ter trancado suas matrículas durante a pandemia. Entre os principais motivos para essa debandada estão questões financeiras (21%) e dificuldades com ensino remoto (14%), assim como a saúde mental. Seis a cada 10 jovens relataram ter sentido ansiedade e usado as redes sociais exageradamente como escape. Outros 51% apontaram exaustão ou cansaço e 40% insônia ou distúrbios de peso.

Para se ter uma ideia da dimensão da questão, o Brasil é o país mais ansioso do mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Nesse cenário, no lugar do desespero, é preciso entender que crianças e adolescentes não apenas sofrem com o estresse tanto quanto adultos, como também têm menos recursos para lidar com tal situação. A partir disso, é possível traçar caminhos até a solução.

A mudança veio e exigiu uma pausa

Com a mudança de estilo de vida que toda a sociedade está enfrentando, principalmente pela ausência ou mudança de rotina, colapsar é um efeito esperado. Sempre que precisamos nos adaptar a algo novo, acontece, em um primeiro momento, uma fase de resistência. Nosso cérebro não conhece o novo caminho e é mais confortável continuar de acordo com o modelo antigo. Então surgem as reclamações, a procrastinação, a insegurança e desculpas paliativas para fugir da necessidade de mudança.

O bem-estar mental não tem uma definição universal, mas abrange fatores como:

- A sensação de nos sentirmos bem conosco e de sermos capazes de funcionar bem individualmente ou coletivamente;
- A capacidade de lidar com os altos e baixos da vida, enfrentar desafios e aproveitar as oportunidades ao máximo;
- O sentimento de conexão com nossa comunidade e arredores e também o de controle e liberdade sobre nossas próprias vidas;
- Manter um senso de propósito e sentir-se valorizado.

É claro que alcançar esse equilíbrio não resulta em felicidade o tempo todo e não significa que crianças, jovens e adultos não experimentarão emoções

negativas ou dolorosas de novo; afinal, tristeza, perda ou fracasso fazem parte da vida de qualquer um. No entanto, seja qual for a idade, a boa notícia é que mudanças simples no estilo de vida podem levar à melhoria da saúde mental e ao bem-estar. *Mindfulness* é uma dessas práticas, com fortes pesquisas apoiando sua utilidade para aqueles que sofrem de ansiedade, depressão ou estresse diário.

O *Mindfulness* tornou-se uma palavra da moda, e não é à toa. Em tradução literal, a *atenção plena* é uma consciência do momento presente, com uma atitude de abertura e aceitação. Essa prática, quando feita com o acompanhamento certo, pode mudar reações habituais e padrões emocionais, além de trazer uma nova perspectiva para a vida. “O Soul Mind é uma proposta educativa de trazer esse tema para o currículo das escolas de forma estruturada, algo inédito no Brasil, com práticas e atividades que atendem crianças do Ensino Infantil ao Ensino Médio”, apontou Flávia durante a *live*.

O programa Soul Mind, que é parceiro da **Editora do Brasil**, foi desenhado para proporcionar esse equilíbrio emocional aos educadores e alunos, melhorando a qualidade das conexões e estabelecendo relacionamentos saudáveis entre toda a comunidade escolar. “Quando falamos em emoção, normalmente as pessoas acham que vamos falar do coração, mas falamos do cérebro. Por quê? O ‘comecinho’ de todas as nossas emoções acontece no cérebro. Por isso, dentro do Soul Mind, a gente trabalha com conceito de quatro equilíbrios: conativo (referente à motivação), atencional (referente à atenção), cognitivo (referente à cognição) e o emocional (referente às emoções em si)”, disse Flávia.

Esses equilíbrios são as cordas que o programa utiliza para guiar a trajetória emocional de educadores e estudantes. Mais do que conteúdos de atenção plena, trata-se de um trabalho de desenvolvimento humano progressivo e contínuo, que fortalece, aula a aula, competências duráveis e essenciais para o cultivo de bem-estar e felicidade.

Ficou curioso sobre o programa Soul Mind? Acesse o material de apresentação escaneando o QR Code ao lado!



[TENDÊNCIA]

O potencial da neurociência na educação

img@shutterstock

O repertório de possibilidades para estudantes não pode e não deve ser confinado pelas paredes das salas de aula. Compreender como o cérebro funciona – sua plasticidade e o seu papel na atenção e na motivação, nas emoções, no controle do estresse, no comportamento social e na empatia – e como os professores podem influenciar a aprendizagem de seus alunos com estímulos corretos é fundamental para colaborar com a prática docente.

Andreia Fernandes, Mestre em Educação e Especialista em Neurociência, conta que, durante muitos anos, houve um distanciamento entre a ciência e a sala de aula. “Dentro dos estudos científicos, analisava-se como o cérebro funciona, aprende e quais são as áreas responsáveis por isso. No entanto, os estudos eram feitos já com o cérebro morto e não era possível ver a sua ativação. Do outro lado desse *gap*, havia a sala de aula com os professores e educadores em contato direto com os estudantes, observando esse processo de aprendizagem na prática em diferentes faixas etárias. Porém não havia um diálogo entre a parte científica e a visão dos educadores sobre como o estudante aprende”, aponta. Foi somente a partir dos anos 1990, com os estudos de neuroimagem, que o acesso às informações sobre os cérebros se ampliou e sugeriu a conexão vista até hoje entre a neurociência e a educação.

Como ocorre a aprendizagem?

Andreia explica que a base da aprendizagem está na reorganização dos neurônios: temos 86 bilhões deles e, por mais especializados que eles sejam, sozinhos não conseguem fazer milagres. É preciso, dentro do processo educacional, estimular os estudantes para que redes neurais sejam formadas. Para isso, é necessário dar a eles um papel mais ativo, e aí é que entram as metodologias ativas e seus desdobramentos. Em suma, o professor ajuda o aluno a fazer conexões neurais, mas elas precisam ser fortalecidas; caso contrário, o conteúdo será estudado, mas também será rapidamente esquecido. É preciso que esses neurônios sejam conectados pelos estímulos certos e, depois, revisitados para se tornarem mais robustos, pois o que faz uma conexão ser complexa é o engajamento com a

informação. “Por exemplo, quando você, educador, consegue fazer uma abordagem contextual, ligar aquela aprendizagem à vida real, ou seja, quando dá exemplos práticos, a memória de curto prazo entende que aquela informação é útil e a leva para memória de longo prazo”, conta Andreia.

Lucy Ferreira de Almeida, Bacharel em Pedagogia e Mestre em Educação e Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), professora da Educação Infantil desde 1993 no ensino privado e no público e atualmente assistente do diretor do CEU EMEI Paraisópolis, apresenta exemplos perfeitos de como o professor pode trabalhar as práticas ativas em sala de aula: “O meu trabalho em sala de aula sempre foi voltado na intencionalidade de apresentar conteúdos às crianças a partir de uma discussão que me mostrasse o que elas conheciam a respeito do assunto que seria apresentado, de tal forma que o desenvolvimento da atividade tivesse sentido e significado para elas”.

Claro que ao falar em aprendizagem, a neurociência não vai fornecer nenhuma fórmula; não existe receita de bolo. Ela também não vai dizer que, para ter uma aprendizagem significativa, é necessário fazer isso ou aquilo, já que aprender envolve muitas variáveis. É preciso prestar atenção na faixa etária de cada aluno, assim como em suas potencialidades e em seus limites físicos, emocionais e afins. “O que a neurociência vai facilitar por meio da sua ligação com a aprendizagem é justamente obter uma clareza de como o cérebro funciona, como o processo de aprendizagem se dá, e, assim, o professor poderá escolher as metodologias, abordagens e atividades que são significativas e valem para os seus estudantes”, diz Andreia.

Lucy complementa lembrando que toda aprendizagem necessita de reflexão do professor e do aprendiz para que aconteçam estímulos reais na busca por conhecimento, assim como respostas positivas a esse percurso. “A busca de uma escola com mais significado para os alunos vem acontecendo desde quando passamos – ou, pelo menos, a maior parte dos educadores e todos aqueles que estão, de fato, envolvidos com a mudança real de uma escola – a entender a necessidade de uma aprendizagem que aconteça de forma horizontal e não mais vertical, em que o professor detém todo conhecimento”, conclui.

LANÇAMENTO



**BASE
NACIONAL
COMUM
CURRICULAR**

EDUCAÇÃO É A BASE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
RESOLUÇÃO Nº 2, DE 22
DE DEZEMBRO DE 2017

SOLUÇÃO



Crescer Transformar



**Editora do Brasil: ao lado do
professor em seu trabalho de Educar,
Crescer e Transformar!**



soul socio
emocional

O maior programa socioemocional do mundo
também está na Solução Crescer e Transformar!

A **Solução Crescer e Transformar**, voltada para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tem como objetivo a construção do conhecimento global e significativo, para o qual é necessário romper as fronteiras das disciplinas, e estimula as relações entre os diferentes conteúdos por meio de estratégias e soluções de apoio e estímulo ao trabalho interdisciplinar do professor.

Uma **SOLUÇÃO COMPLETA** para a sua escola:

- ◆ **Livros didáticos impressos e digitais** de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e Projetos Integradores.
- ◆ **Plataforma digital (Laboratório Educacional Brasil – LEB)**, com planejador de aulas, banco de questões, mapeamento dos descritores do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), orientações para a elaboração de portfólio de conquistas dos alunos, proposta de trabalho interdisciplinar com orientação aos professores sobre como potencializar ao máximo os temas trabalhados, além de outros recursos.
- ◆ **Serviços educacionais exclusivos** – Assessoria pedagógica, formação exclusiva para apoiar os professores na implantação da **Solução Crescer e Transformar** em Educação a Distância (EaD).
- ◆ Acesso ao **Programa Soul Socioemocional**, o programa de aprendizagem socioemocional mais bem-sucedido do mundo, presente em mais de 70 países e que já atendeu cerca de 14 milhões de crianças.

LEVE AGORA A SOLUÇÃO CRESCER E TRANSFORMAR PARA A SUA ESCOLA!

Saiba mais em
solucaocresceretransformar.editoradobrasil.com.br



Como funciona a análise de dados na Educação para estratégias de ensino mais efetivas?



O desenvolvimento de cidadãos ativos, conscientes e formadores de opinião sempre foi uma tarefa desafiadora para qualquer docente. Nos dias atuais, essa missão parece exigir ainda mais dos profissionais, que buscam engajar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Conhecendo a realidade do educador e suas questões em sala de aula, a **Editora do Brasil** lançou uma solução dedicada aos estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que visa apoiar o professor com um planejamento didático que vai além do conteúdo tradicional: a **Coleção Solução Crescer e Transformar**.

Para contar sobre a novidade, em setembro de 2021 a **Editora do Brasil** realizou uma *live* de lançamento mediada por Renata Sanches, Supervisora de Serviços Educacionais da Editora do Brasil, que também contou com a participação de Valther Maestro, professor de Geografia, Especialista em Educação, autor de livros didáticos, paradidáticos e literários e, ainda, palestrante com ênfase em avaliação, formação

continuada de professores e protagonismo do estudante. O tema que guiou o bate-papo foi “Análise de dados na Educação para estratégias de ensino mais efetivas”.

“Quando eu falo de solução, falo de uma resposta a um problema ou uma dificuldade que nós detectamos nas nossas escolas; e quais são elas? A primeira é a construção de conhecimentos significativos, seguida pela interdisciplinaridade e pelo trabalho com o socioemocional”, disse Renata ao apresentar a **Coleção Solução Crescer e Transformar**. A solução propõe atuar na construção do Projeto de Vida (aplicar, analisar, avaliar e acompanhar a aprendizagem) e garante a



conexão entre as Áreas do Conhecimento com ações que ampliam as competências socioemocionais do aluno. Oferece também exemplos dos descritores do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e atividades com o intuito de melhorar a preparação dos estudantes para essa avaliação, além de orientar os docentes para um replanejamento do currículo ainda mais personalizado.

A prática de mensurar o desempenho dos estudantes e de elaborar um conjunto de avaliações para observar o desenvolvimento das turmas e perceber quais são os possíveis *gaps* de aprendizagem já é recorrente na aplicação do Saeb no ensino público. “No entanto, as escolas privadas começam a ter também uma clareza da importância de obter dados. Muito mais do que aquela sondagem que a gente sempre faz no início do ano letivo, trata-se da sistematização de um conjunto de informações pautadas nas habilidades que estão presentes na BNCC e em descritores de aprendizagem. Esse conjunto de informações, esse mapa do desempenho, poderá trazer aquilo que a gente vem sempre discutindo: as evidências para uma correção de rota”, completou Valther.

Segundo o professor, a lógica ganha especial importância quando pensamos nas metodologias ativas e falamos sobre ensino híbrido e agrupamentos produtivos; afinal, só há ação efetiva nesses casos na medida em que se obtêm evidências da aprendizagem. Por isso, mapear e ter clareza dos processos, apropriando-se das habilidades e de seus significados, bem como dos descritores, é, sim, trabalhar com uma referência extremamente importante de produção de dados. Tudo isso vai além do ponto de vista cognitivo ou dos conteúdos conceituais, envolvendo também as atitudes, os valores e as relações que as crianças estabelecem com elas mesmas, com

seus pares e com a escola. “Todo esse conjunto de informações é extremamente importante para poder corrigir rotas e transformar os conhecimentos em algo mais significativo”, disse Valther.

Nessa toada, a ***Coleção Solução Crescer e Transformar*** traz também serviços educacionais com assessoria pedagógica e um vasto conteúdo relativo à formação continuada para estimular o trabalho interdisciplinar do educador. Entre esses recursos, há livros didáticos – tanto impressos como digitais –, que abrangem as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Projetos Integradores, todos alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além do acesso ao **Soul Socioemocional**, o programa de aprendizagem socioemocional mais bem-sucedido do mundo, lecionado pelos próprios professores e organizado por meio de um currículo estruturado com aulas práticas e interativas.

Vale a pena conhecer e aderir a essa solução! Acesse www.editoradobrasil.net.br/solucao-crescer-e-transformar e saiba mais!



QUADRINHOS NA SALA DE AULA: POR QUE NÃO?

Por definição, uma história em quadrinhos (ou HQ) é uma narrativa sobre um conjunto de personagens contada em uma sucessão de desenhos – os quadros –, muitas vezes incluindo diálogos em balões e um texto narrativo/descritivo. Ela pode ser publicada em volume único, de modo seriado ou em tiras de jornais e revistas. Ou seja, trata-se de uma fusão de palavras com imagens que tem potencial para ser muito útil em uma sala de aula, se forem superados os preconceitos com o formato.

Histórias em quadrinhos são muito mais do que narrativas de super-heróis, e mesmo os enredos de vilões e mocinhos têm muito a ensinar. Começamos observando que a união gráfica é um excelente veículo de desenvolvimento para a alfabetização de alunos em início de vida escolar. Ademais, o rico conteúdo envolve leitores de múltiplos gostos, e a natureza multimodal dos quadrinhos acaba por preparar seus leitores para o cenário de mídia em evolução.

Outro fator que torna os quadrinhos tão atraentes, principalmente quando pensamos em um público de menor idade, é a ligação emocional que as crianças costumam desenvolver com os personagens. Um exemplo disso foi apontado na edição de 2008 da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, do Instituto Pró-Livro, na qual Mauricio de Sousa, criador da Turma da Mônica, aparece em décimo lugar na lista dos escritores mais admirados pelos leitores. Só depois dele vinham Monteiro Lobato, Jorge Amado, Machado de Assis, entre outros.

O gênero também foi escolhido como favorito por 13% dos entrevistados, sendo que na faixa etária de 5 a 10 anos, a porcentagem sobe para 29%, mantendo-se alta dos 11 aos 13 anos (21%). Ainda assim, histórias em quadrinhos costumam ser vistas com olhares tortos. Segundo Alexandre Linck, professor universitário e produtor de conteúdo para o canal *Quadrinhos*

na sarjeta, ainda existe um certo preconceito com quadrinhos em diferentes níveis: “O senso comum entende os quadrinhos como uma produção de baixa qualidade, com assuntos tolos e infantis. No âmbito universitário, apesar de avanços, ainda prevalece um grande desentendimento sobre as HQs”.

Ele lembra que, ainda assim, a ideia de trazer o gênero para a escola como ferramenta educativa não é nova. “Os quadrinhos chegaram à sala de aula por volta dos anos 1960, quando a televisão se tornou a grande vilã. Desde então, existem obras e mais obras, artigos e mais artigos, sobre o uso de quadrinhos na escola. Apesar de ainda ser um campo de discussão válido, pouca novidade é produzida. Na maioria das vezes, os quadrinhos são vistos tão somente como meios de passagens, trampolins para ‘conteúdos mais importantes’”, aponta Alexandre.

Segundo a Revista Fapesp¹, um pouco depois de a TV ser inventada e considerada um problema, os quadrinhos também foram relegados a vilões aqui no Brasil. “Em 1944, a Revista do Inep (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), do Ministério da Cultura, publicou ao longo de três edições um estudo bombástico a partir de uma pesquisa feita com professores e estudantes sobre as histórias em quadrinhos, um produto de massa surgido no país na década anterior. A conclusão era das mais alarmistas: os *comics* constituíam um nocivo instrumento que estava prejudicando o aprendizado escolar de diversas formas: desestímulo ao estudo das disciplinas, abandono dos livros infantis e, pior, causavam preguiça mental, ao viciar os estudantes com imagens e poucos textos” (Fapesp, 2009).

Passados alguns anos, com os super-heróis movimentando as telas, histórias em quadrinhos estão na boca do povo, e é hora de aproveitar o ensejo para

1 JÚNIOR, GONÇALO. Quem disse que os quadrinhos são inimigos dos livros. *Pesquisa FAPESP*, n. 161, p. 90-93, 2009.

incluir a escola dentro das culturas juvenis e dar protagonismo ao estudante, bem como é proposto pelas novas políticas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Novo Ensino Médio e pelas propostas do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Tal trajetória poderia ser iniciada na formação dos professores, que, ao terem mais contato com as *comics* da graduação e podendo enxergá-las, desde então, como instrumentos de trabalho, poderão trabalhá-las em sala de aula com melhor aproveitamento.

Mas de que maneira as HQs tornam-se um recurso de aprendizagem?

Alexandre conduz a um ponto de vista muito importante quando fala da apropriação desse formato pelas escolas: deixar de tratar as histórias em quadrinhos como “porta de entrada” para outras leituras. O formato é indutor de si mesmo, isto é, conduz à leitura de outros quadrinhos, e não necessariamente a leituras clássicas – e não há nada de errado com isso. Então, o primeiro passo para um professor ou professora introduzir as HQs na dinâmica de sua sala de aula é justamente voltar, parar e pensar acerca do que, afinal, ele ou ela entende sobre histórias em quadrinhos. “Acredito que os maiores avanços têm se dado nas propostas que procuram trabalhá-los não como meios, mas fins em si mesmos, tal como se trabalharia com uma equação ou um romance. A partir dessa concepção, é possível explorar toda a gama de aprendizagens cognitivas, culturais e estéticas dos quadrinhos enquanto uma forma de arte”.

A partir de pleno entendimento do formato e de suas possibilidades, bem como qualquer educador faria com outro objeto de estudo, será possível pensar em uma metodologia que explore os quadrinhos por suas próprias potencialidades, e não apenas como ponte para outros conteúdos. “Um aluno ou aluna pode aprender sobre linguagem ou lógica estudando a estrutura de quadrinização dos quadrinhos, muito mais do que pela abordagem dessas histórias ou apenas pelo que elas, em suas temáticas, ilustram sobre os conteúdos das disciplinas. Se em uma tira o personagem fala algo gramaticalmente errado, isso é usado em aulas de Língua Portuguesa apenas de maneira ilustrativa. É preciso ir muito além disso”, completa Alexandre.

Esse “muito além” citado por ele envolve todas as áreas do conhecimento, mas é claro que as Ciências Humanas, as Sociais e as Linguagens são privilegiadas pela tradição, o que não exclui, de modo algum, disciplinas embasadas em lógica, matemática, pensamento

cartesiano e afins, visto que há excelentes exemplos de HQs que podem guiar o trabalho de uma sala de aula mais criativa.

Quais histórias em quadrinhos levar para a sua sala de aula?

Recentemente, a **Editora do Brasil** lançou dois clássicos reivindicando esse novo formato, porém mantendo as particularidades de cada obra: *A revolução dos bichos*, de George Orwell, e *O navio negreiro e outros cantos de Castro Alves*. No catálogo da editora, também é possível encontrar adaptações de outros autores clássicos: *Os fareiros e outros contos de Monteiro Lobato*; *Missa do Galo e outros contos de Machado de Assis*; *O peru de Natal e outros contos de Mário de Andrade*; e *Civilização e outros contos de Eça de Queiroz*.

Há também o título *Louco por HQs*, que conta a história de Caio, um adolescente fã de histórias em quadrinhos. Foi essa paixão que o ajudou a aflorar o talento de escrever roteiros para essas suas próprias histórias, tal como fazem seus ídolos. Porém Caio não sabe desenhar e está em busca de alguém para ilustrar seus roteiros. Assim, ele conhece Olívia, fã de mangás e que parece ter saído diretamente de um deles. Em meio às mudanças pelas quais está passando, Caio terá ainda de entender Olívia e o choque que ela causou em sua vida com uma visão um tanto diferente das coisas. O final dessa surpreendente narrativa tem tudo para fazer parte do mergulho dos seus estudantes no universo das HQs.

Lembre-se!

- Quadrinhos são divertidos, interessantes e motivadores;
- Promovem uma ampla variedade de habilidades, tanto cognitivas, passando pelas intelectuais e sociais, como culturais;
- Podem ser usados para trabalho com estudantes em diferentes segmentos e disciplinas escolares;
- Sensibilizam para os meios multimodais, por meio dos quais os significados são construídos e comunicados;
- Podem ser usados em projetos, tarefas e atividades criativas.



O que mudou ao longo dos anos na Educação Brasileira?

Se observarmos a linha do tempo da Educação no país, muita coisa mudou, principalmente nos últimos tempos. São tantas as mudanças: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Novo Ensino Médio, Plano Nacional de Alfabetização (PNA), crescimento da Educação a Distância (EaD) para a Educação Básica, mais preocupação com o ensino de competências socioemocionais e com a inserção de metodologias ativas, tecnologias chegando à sala de aula com cada vez mais força, Projeto de Vida, protagonismo do estudante... A lista é imensa.

Ainda assim, há um elemento que sempre acompanha essa evolução: o livro didático. Entra ano, sai ano, e este segue como o material pedagógico mais tradicional e utilizado nas escolas. A escolha da coleção ou obra representa muito para o trabalho do professor e para a trajetória individual e coletiva dos estudantes. Com 78 anos de história, a **Editora do Brasil** acompanhou todas essas mudanças desenvolvendo conteúdos de alta qualidade, que preservam o cerne do livro didático, mas que evoluíram de acordo com as tendências educacionais.

Para mostrar isso, conversamos com alguns autores de lançamentos recentes sobre suas perspectivas acerca das áreas do conhecimento em que atuam. Levon Boligian, Doutor em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e professor de Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense (IFC), conta que em seus 30 anos de magistério viu acontecer muitas mudanças, porém em um movimento dinâmico; enquanto algumas temáticas avançam, outras retrocedem: “Saí da universidade com uma formação muito

baseada na Geografia crítica radical dos conteúdos e no materialismo dialético histórico. Era uma questão latente, porque saíamos de um momento muito forte, pós-ditadura militar, e queríamos mudar o mundo”.

Entre o final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, houve um novo deslocamento. A Geografia que chegava à escola era pautada por dois olhares: um mais humanista/urbanístico, e outro focado em questões socioambientais. Já hoje, há uma tendência de trabalhar essas questões atreladas às tecnologias, considerando “A ideia de que tudo é instantâneo, do uso do computador, do georreferenciamento, de se usar as redes sociais como ferramenta de aprendizagem”, conta Levon.

Levon, ao lado de Andressa Turcatel Alves Boligian, escreveu a **Coleção GEO**, que durante muitos anos se manteve como uma das mais adotadas pelas escolas e foi recentemente relançada pela **Editora do Brasil**. A coleção fez e faz tanto sucesso devido a sua abordagem original, em que se trabalha a Geografia a partir de uma visão integradora dentro de cada unidade temática, diferencial que se adapta muito à sala de aula em diferentes realidades. Em sua nova roupagem, os conteúdos foram organizados de modo a atender às respectivas habilidades propostas pela BNCC.

Na Matemática, o processo de ensino-aprendizagem também evoluiu. Um exemplo de sua transformação pode ser observado na nova **Coleção Bonjorno**. Segundo José Roberto Bonjorno, Bacharel e Licenciado em Física pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Professor

Carlos Pasquale (FFCLQP-SP) e professor do Ensino Fundamental e do Médio, as obras mostram a eficácia da Matemática oferecendo-a como matéria de aprendizagem, e não de desempenho.

“Ao escrever essa coleção, tivemos os seguintes objetivos: desenvolver a aprendizagem da Matemática por meio da resolução de problemas, um processo que permite que os estudantes construam os conhecimentos de forma significativa”, conta José, coautor das obras ao lado de Regina Bonjorno, Ayrton Olivares e Marcinho Mercês Brito. Na coleção, destacam-se como pontos fortes a possibilidade de organizar os objetivos e conteúdos de maneira coerente com o currículo pedagógico, o desenvolvimento dos estudantes e o seu nível de aprendizagem de acordo com a BNCC, a linguagem clara e objetiva e as atividades resolvidas ponto a ponto. A obra prepara todos para serem criativos, produtivos e responsáveis, bem como para saberem lidar com a informação e aplicarem conhecimentos a fim de buscar soluções e desenvolver a competência leitora.

Nereide Santa Rosa, pedagoga e arte-educadora especializada em Arte, Ensino Médio, História e Cultura, em seu percurso profissional como professora de Artes e de Música, vivenciou alguns momentos marcantes na história do ensino de Artes. “Atuando na década de 1970, acompanhei uma mudança significativa na Lei de Diretrizes e Bases de 1971, que propôs a união das três linguagens (Música, Artes Visuais e Cênicas), antes ensinadas separadamente, e agora alocadas em Educação Artística. Isso trouxe um desafio importante para a formação dos professores, assim como no conteúdo em sala de aula, que, na prática, acabou priorizando as artes visuais”, conta ela.

Anos depois, com a LDB de 1996, o ensino de Música passou a ser obrigatório, além de definir Teatro, Dança e Artes Visuais como componentes curriculares, o que trouxe maior consistência no ensino e se tornou um meio transformador da sociedade principalmente

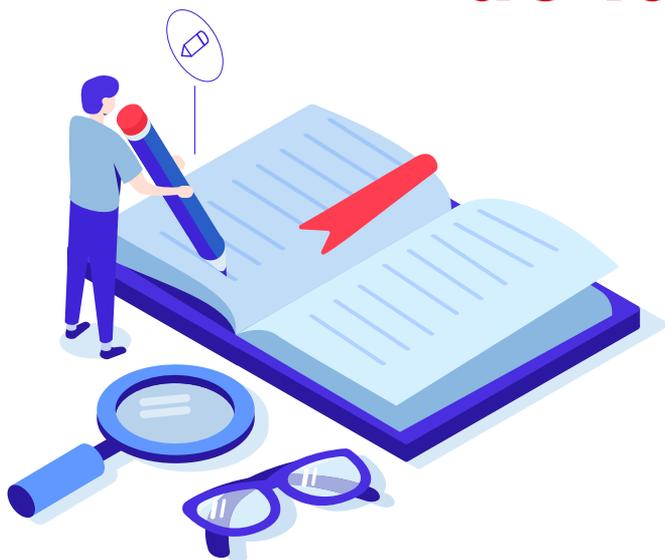
pelo seu viés social. Ao longo do tempo, esse papel foi ampliado, trazendo referências importantes, como a arte africana e a indígena, que também se tornaram obrigatórias na escola.

Nereide é autora de *Panorama da Arte: do paleolítico ao contemporâneo*, recém-lançada pela **Editora do Brasil**, obra que proporciona aos estudantes uma oportunidade para que estabeleçam relações entre as diferentes produções artísticas ao longo do tempo, percebam a singularidade das linguagens artísticas e compreendam a função social de cada manifestação artística de acordo com seu tempo, sua cultura e comunidade. “Neste livro, meu objetivo foi contar a História da Arte passo a passo, percorrendo diversas culturas, múltiplos espaços, diferentes sistemas de representação e linguagens. Os signos não verbais de cada cultura e tempo podem modificar-se, mas há uma universalidade que permeia todos eles, seja o gestual, o sonoro, o imagético ou o corporal: a comunicação humana. Abordei artes visuais, cênicas e musicais desde o paleolítico até a contemporaneidade; no entanto, a cronologia é apenas um recurso didático. Busquei estabelecer relações atemporais, mostrando influências que se relacionaram ao longo do tempo, e procurei enriquecer os estudos apresentando fatos complementares e histórias curiosas”, relata a autora.





Como será o professor do futuro?



Antes de a Covid-19 surgir e botar o mundo de pernas para o ar, ir à escola era o início de uma jornada determinante para toda uma vida, porém era sempre guiada pela mesma rotina, forma e ritmo por diversas gerações. Da Educação Infantil ao Ensino Médio, as salas eram administradas por professores, que davam aulas iniciadas e terminadas com um sinal sonoro estrondoso. Era nesse intervalo o momento de explicar conteúdos, propor avaliações e dar notas que poderiam encantar, decepcionar ou mesmo surpreender os pais e/ou responsáveis. De acordo com a metodologia mais comum, o educador cumpria um papel ativo, e os estudantes, receptores de informação, ouviam, retiam (ou não) o conteúdo e, então, voltavam para casa.

Entretanto, essa abordagem está passando por mudanças sem precedentes, e a culpa não é apenas da pandemia. A resposta ao coronavírus abriu espaço para o uso das tecnologias, assim como para novas maneiras de ensinar e aprender. A escola ultrapassou

seus muros e, para o bem ou o mal, invadiu a vida privada. O professor deixou de ter um horário fixo para exercer sua função, que, agora, tornou-se uma rotina diária, muitas vezes invasiva e extenuante. Na mesma proporção, a impossibilidade de contar com a presença física do educador evidenciou para estudantes e familiares a importância desse papel.

De acordo com o estudo *Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias*, do Datafolha, encomendado por Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures, 71% dos responsáveis pelos estudantes estão valorizando mais o trabalho desenvolvido pelos professores e 94% consideram muito importante que os docentes estejam disponíveis para correção de atividades e esclarecimento de dúvidas durante as aulas não presenciais.

Diante desse cenário, fica a questão: as recentes mudanças na Educação redefiniram o papel do professor em sala de aula? Para Eliana Loureiro, Doutoranda em



Ciências Humanas e Sociais e professora universitária de pós-graduação, a resposta é sim. “Você antes praticamente só precisava preparar a aula. Agora não. Você precisa conhecer todos os equipamentos necessários e arregimentá-los para proporcionar uma boa experiência durante a aula. É ver se câmera, microfone, luzes... Segundo monitor... Se está tudo funcionando bem. Assim como conferir se o seu ‘cenário’ está condizente”.

Ela lembra que, se anteriormente o professor tinha de competir pela atenção dos alunos com conversas paralelas e celulares, agora a concorrência são os celulares e/ou computadores conectados e a própria casa. “Então, começa por tentar convencer os estudantes a abrirem a câmera. De repente, tentar integrar a nossa própria casa ou, pelo menos, o que está atrás de nós à conversa. Tentar, também, integrar o próprio computador ou celular que estão utilizando na aula. Estimular que façam alguma pesquisa ou acessem um determinado *link*, por exemplo. E estamos numa pandemia, portanto não é só dar aula e ir embora. Mais do que nunca, há a questão de o professor estar aberto para ouvir. É muito difícil pedir um trabalho nesse contexto e não ter compaixão com a turma e entender a dificuldade que pode ser desenvolver algo agora”, conta Eliana.

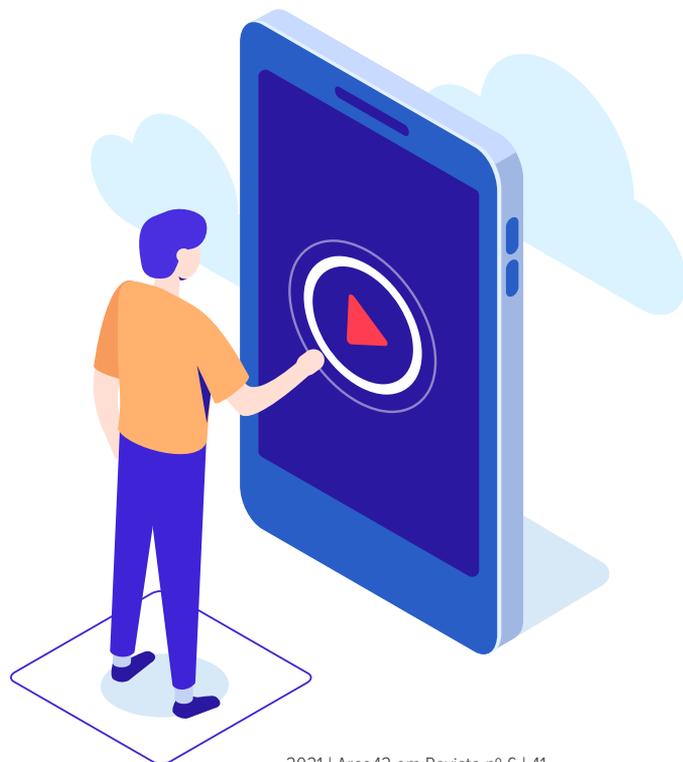
Não há dúvidas do esforço e do empenho dos profissionais da Educação para adaptar rotinas, aulas, atividades e equipamentos a uma nova realidade. Karina Nones Tomelin, pedagoga, psicóloga, Mestre em Educação e Especialista em Formação Docente e Apoio Discente, gosta de pensar nas habilidades desenvolvidas a partir dessas experiências como se fossem as competências do professor do futuro, pois elas mobilizam a capacidade desse profissional de articular sua experiência ao uso da tecnologia, das metodologias e do seu olhar analítico e socioemocional na sala de aula. “E elas devem perdurar porque haverá uma pressão social sobre os professores que não se adaptarem a esse novo perfil. Acredito que tem surgido uma nova profissão: a do educador que será reconhecido ao dominar a linguagem e os recursos próprios da docência”.

As competências citadas por Karina são divididas em Digitais (Planejamento e Fluência), Metodológicas (Comunicação, Didática e Gestão), Analíticas (Avaliação e Interpretação) e Socioemocionais (Colaboração, Criatividade e Empatia). Para ela, tal como acontecerá com o mundo, os professores

nunca mais serão os mesmos após a pandemia. “É o que espero, mas, diferentemente de outras áreas, nós, da docência, carregamos um peso histórico nos ombros: o de que sempre foi assim. Muitas profissões têm mudado, e a do professor exigirá, cada vez mais, a formação permanente. O educador precisará aprender o tempo todo. Gosto de pensar que ‘quem não vive aprendendo, não sobrevive ensinando’, como um novo paradigma educacional. Por isso, tenho me dedicado a ajudar professores com o autodesenvolvimento na docência”, completa.

Há muitas questões em jogo, e a adaptabilidade do professor tem sido testada; contudo, o docente sempre foi um grande gestor do processo de ensino-aprendizagem. Além de organizar tempo, cronogramas, calendários e conteúdos, ele gerencia pessoas, conflitos e motivações. “Seu trabalho nunca foi muito separado de casa. Quem é professor sabe do que estou falando. Os fins de semana são dedicados ao planejamento das próximas aulas e atividades ou à correção das já realizadas. Penso que, agora, as múltiplas capacidades dessa profissão ficaram mais evidentes”, conclui Karina.

Isso nos leva ao pensamento de que o professor do futuro e o professor do passado têm muito mais em comum do que se poderia imaginar. Estabelecer uma conversa honesta entre os dois perfis de professores pode e deve colaborar muito com a prática docente daqui para a frente.





Conheça a **COLEÇÃO DE BOLSO** da Editora do Brasil!

Pocket books com conteúdos essenciais e elaborados pelos melhores especialistas?

Conheça a Coleção de Bolso da Editora do Brasil!

Como o próprio nome da coleção já diz, esses livros foram desenvolvidos no formato *pocket*, perfeito para uma leitura mais dinâmica e um aprendizado mais rápido.

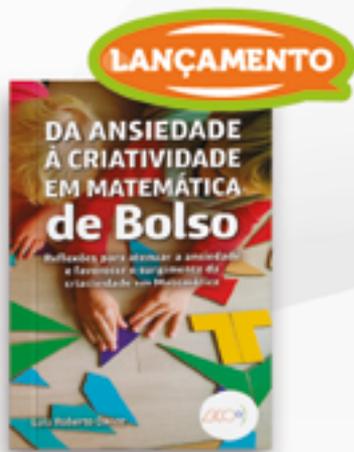
As obras abordam os temas mais discutidos da Educação na atualidade!

Garanta já seu exemplar:
lojavirtual.editoradobrasil.com.br





Francisco Tupy Gomes Corrêa



Luiz Roberto Dante



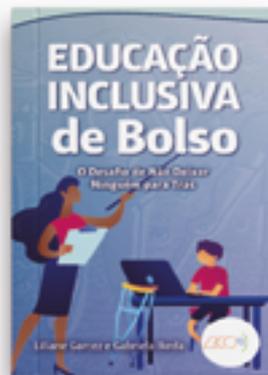
Luiz Roberto Dante



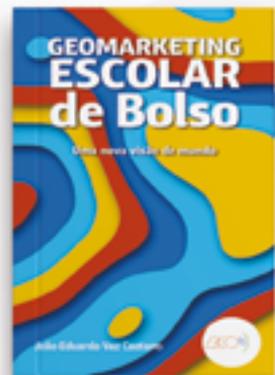
Luís Carlos de Menezes



Itale Luciane Cericato
e Lauri Cericato



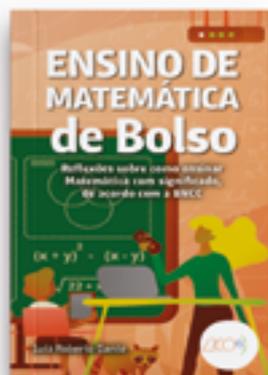
Liliâne Garcez
e Gabriela Ikeda



João Eduardo Vaz Caetano



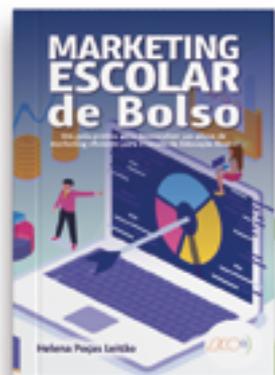
Francisca Paris
e Claudio Paris



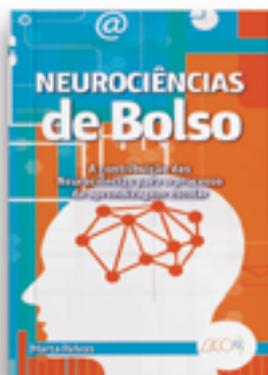
Luiz Roberto Dante



José Moran



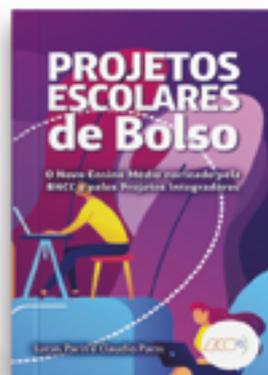
Helena Poças Leitão



Marta Relvas



Luís Carlos de Menezes



Lucas Paris
e Claudio Paris



Maria Cristina Furtado

Grandes comemorações de 2022



2022 tem tudo para ser especial! Começando pelo fato de que este ano se anuncia com um ar de esperança latente após o mundo passar, aos trancos, por uma pandemia global, inesperada e letal. A vacinação chega aos poucos, trazendo a sensação de que poderemos seguir em frente. Para o Brasil, além da retomada ao que quer que signifique uma “vida normal”, temos também a comemoração de algumas datas muito importantes: os 100 anos da Semana de Arte Moderna, os 200 anos de Independência do Brasil e os 30 anos da Rio-92. Tratam-se de eventos que não podem e não devem ficar de fora da sala de aula no próximo ano letivo, visto que, com o recorte dos seus aniversários, ganham ainda mais importância para debates sobre sua relevância e seu legado.

100 anos da Semana de Arte Moderna

Esse evento, ocorrido entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, é um marco da história da cidade e, também, um divisor de águas da cultura brasileira. Organizado por um grupo de intelectuais e artistas, justamente em razão do então Centenário da Independência, para simbolicamente romper com o conservadorismo vigente nas correntes literárias e artísticas da época, sua estética é marcada pela ideia do moderno, criado em um processo antropofágico entre as heranças do Brasil e as correntes europeias.

E como se pode trabalhar esse marco sociocultural na escola em uma conversa que interesse e engaje as crianças? A **Editora do Brasil** tem duas dicas perfeitas.



Começando pela obra *Uma semana inesquecível*, de autoria de Mércia Maria Leitão e Neide Duarte e ilustrada por Arielle Martins. Indicada para o trabalho com turmas a partir do 4º ano do Ensino Fundamental, o livro aborda interdisciplinarmente Arte, Língua Portuguesa, Cultura Popular, Memória, Música e Literatura, além da história de personalidades importantes, como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, assim como conceitos de Pluralidade Cultural. É ideal para atividades e projetos para o Dia da Literatura Brasileira (1/05), Dia Nacional das Artes (12/08) e Dia Mundial da Liberdade de Pensamento (14/07), além, é claro, do Centenário da Semana de 1922. Neste livro, as autoras recuperam algumas das personalidades e dos momentos que fizeram desta uma semana inesquecível. Com direito a um passeio por pinturas, esculturas e atividades, funciona como um mergulho nesse acontecimento artístico por meio de uma história divertida e instigante.



Já *Nasci em 1922, ano da Semana de Arte Moderna*, escrito por Fabiano Moraes e ilustrado por Luciano Tasso, aborda as mesmas temáticas, mas em uma história indicada para turmas a partir do 6º ano do Ensino Fundamental. Além do Dia da Literatura Brasileira, essa obra também pode gerar ótimas discussões no Dia Nacional do Escritor (25/07) e no Dia da Ciência e Tecnologia (16/10). Neste livro, os objetos de um museu falam, e Manuela, a máquina de escrever de Mário de Andrade, conta como tudo ocorreu no grande evento. Trata-se de uma narrativa criativa e instigante, que resgata um momento essencial da cultura brasileira, especialmente elaborada para os jovens leitores conhecerem ainda mais esse acontecimento que mudou o Brasil.

200 anos de Independência do Brasil

Independência ou morte! Um momento decisivo para a História do Brasil completa dois séculos. Há uma oportunidade, então, para olhar o passado por suas lentes, compreender o presente e, a partir daí, pensar no futuro, coisa que se faz mais do que necessária. O que aconteceu antes daquele dia em que Dom Pedro I declarou a independência? Quem foram os personagens históricos envolvidos? Considerando essas questões, *Os sete da Independência*, de Gustavo Penna e ilustrado por Augusto Zambonato, é uma obra perfeita para ser apresentada a partir do 9º ano do Ensino Fundamental em debates sobre Artes Plásticas, Literatura, História,

Geografia, Política e Memória. Com base no famoso quadro “Independência ou morte”, de Pedro Américo, o autor investiga a trajetória de sete indivíduos intimamente envolvidos no processo de independência do nosso país para recriar a história de como o Brasil resolveu se separar de Portugal. O resultado é este livro, que mistura ficção, imaginação e fatos históricos de um jeito inteligente e que pode ser debatido também no Dia da Literatura Brasileira (1/05), Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona (5/05) e no Dia da Língua Portuguesa (10/06).

30 anos da Rio-92

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad) foi realizada em junho de 1992, no Rio de Janeiro, e marcou a relação que temos com o nosso planeta. Não só o Brasil, mas também toda a comunidade internacional admitiu que era o momento de se atentar ao desenvolvimento socioeconômico sustentável. Na reunião, que posteriormente ficou conhecida como Rio-92, Eco-92 ou Cúpula da Terra, plantou-se a “sementinha” do que viria a ser a Agenda 2030 e seus objetivos de desenvolvimento sustentável.

Esse é um debate urgente e ainda muito necessário, que, se estiver aliado ao poder de transformação da educação e da literatura, tem muito a oferecer. Como já foi dito pela ativista Malala Yousafzai, “Um livro, uma caneta, uma criança e um professor podem mudar o mundo”. Este é justamente o mote do projeto “Clube de Leitura ODS” das Nações Unidas: mudar o mundo e aplicar o desenvolvimento sustentável na escola, empregando os livros como ferramentas de incentivo voltadas para crianças entre 6 e 12 anos a fim de que elas interajam com os princípios dos ODS.

Lançado em 2019, durante a Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, o projeto contém uma lista de livros de várias partes do mundo, inclusive do Brasil. Chamado por aqui de “Clube de Leitura ODS em Língua Portuguesa”, fazem parte dele os seguintes títulos da **Editora do Brasil: *Abecedário de aromas – Cozinhando com tempero e poesia; Layla, a menina síria; Entre cães e gatos; Em algum lugar do mundo; e O Haiti de Jean.*** Seja para abordar os 30 anos da Rio-92 ou as novas demandas da Agenda 2030, todos estes livros têm excelentes pontos de vista para inserir o tema do desenvolvimento sustentável na escola.

VITRINE LITERÁRIA

Um bom livro sempre será um excelente companheiro nessa maravilhosa viagem pelo mundo das descobertas, da ampliação de repertório e da reelaboração das diversas formas de pensar e agir.

Conheça alguns dos lançamentos de literatura da Editora do Brasil.

LIVROS DISPONÍVEIS NOS FORMATOS IMPRESSO E DIGITAL!



A partir de **9 anos**



Assuntos: Cultura popular; arte; Semana de Arte Moderna; memória; música; literatura; Tarsila do Amaral; Anita Malfatti.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

UMA SEMANA INESQUECÍVEL

Coleção LerArte

A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um evento muito importante, que influenciou enormemente o pensamento nacional, a cultura e a forma de fazer arte no Brasil. Mesmo 100 anos depois, a revolução que teve início naquela semana continua sendo relevante nos dias de hoje. Neste livro, as autoras Mércia e Neide recuperam algumas das personalidades e dos momentos que fizeram essa semana ser inesquecível! Com direito a um passeio por pinturas, esculturas e atividades e por meio de uma história divertida e instigante, este livro é um mergulho nesse acontecimento artístico!



A partir de **11 anos**



Assuntos: Cultura popular; memória, Semana de Arte Moderna; Mário de Andrade.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

NASCI EM 1922, ANO DA SEMANA DE ARTE MODERNA

Coleção Histórias da Arte

Ah, se as paredes pudessem falar... Bom, nesse livro, não são as paredes que têm muito o que contar, mas sim os objetos de um museu. E quanto à narradora desta história? Manuela, a máquina de escrever de ninguém menos do que o grande Mário de Andrade. Ela esteve presente no começo da Semana de Arte Moderna, escreveu com Mário e para Mário, e, agora, ela está aqui, quebrando o silêncio, para nos contar como tudo ocorreu. Uma narrativa criativa e instigante que resgata um momento essencial da cultura brasileira, especialmente elaborada para os jovens leitores descobrirem ainda mais coisas sobre esse acontecimento artístico que mudou o Brasil.



A partir de **9 anos**



Assuntos: Amizade; diversidade; respeito; infância; pijamas; brincadeiras.

Tema transversal: Pluralidade Cultural.

EDEVILTO E A FESTA DO PIJAMA

Coleção De Todo Mundo

Fazer amigos pode ser tão fácil como falar “oi”, mas também pode ser tão difícil a ponto de parecer quase impossível. Diferenças, interesses conflitantes, preconceitos... Quando Etevilto recebeu permissão para convidar alguns amigos para uma festa do pijama, ele teve a ideia de chamar não só os seus melhores amigos, mas aqueles colegas que ele gostaria que fossem amigos também. Uma narrativa sobre diferenças, amizades, quebra de paradigmas e sobre estar aberto para novas oportunidades.

DE MEMES E MEMÓRIAS

Coleção Farol

Nossa vida na era da tecnologia é cheia de memes, posts, memórias e notícias (infelizmente, até mesmo de *fake news*). A linha do tempo na rede social de um escritor tem um pouco de tudo: textinho, textão, brincadeiras, desabafos, desafios... Um verdadeiro baú de tesouros escritos e comentados! Leo Cunha mergulhou no próprio baú cibernético para reunir alguns de seus posts favoritos, crônicas da contemporaneidade tecnológica, a fim de compor este livro divertido e reflexivo que fala sobre tudo aquilo que a gente nem imagina que nos interessa. Uma leitura essencial e para lá de curiosa para jovens e adultos que amam uma boa crônica.

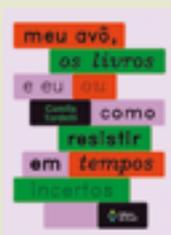


A partir de **13 anos**



Assuntos: Atualidades; internet; crônicas; memória; contemporaneidade; redes sociais.

Temas transversais: Pluralidade Cultural; Ética; Trabalho e Consumo.



A partir de **13 anos**



Assuntos: Leitura; empoderamento; pandemia; isolamento social; literatura; família; tecnologia.

Temas transversais: Pluralidade Cultural; Saúde.

MEU AVÔ, OS LIVROS E EU OU COMO RESISTIR EM TEMPOS INCERTOS

Coleção Farol

Pandemia, isolamento, aulas pela internet, distanciamento social... Ninguém merece ficar trancado dentro de casa por tanto tempo. Mesmo respeitando rigorosamente o isolamento, Natália quer e precisa viver uma aventura. Mas ela tem uma vantagem: um avô muito legal que a convidou para uma viagem literária (sem sair de casa, claro). Os caminhos percorridos por eles seguem por vários livros, de autoras e autores brasileiros, que representam nossa literatura de uma maneira ímpar. O diário de viagem de Natália e seu avô traz temas incrivelmente atuais, como o racismo e a representatividade, tendo como pano de fundo o momento terrível que o mundo atravessa devido à pandemia. Literatura juvenil de formação com muita qualidade é o que se oferece para os leitores deste livro!



A partir de **14 anos**

Assuntos: Ética; política; trabalho; socialismo; fábula; animais; valores.

Temas transversais: Trabalho e Consumo; Ética.

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Coleção Farol

O trabalho pesado, os maus-tratos, a falta de liberdade, o desrespeito aos direitos básicos... Um dia, os trabalhadores resolveram dizer “basta!” e deram início a uma revolução, expulsando de vez seu carrasco para bem longe! Infelizmente, o paraíso de justiça e igualdade com que sonharam não passou de uma grande ilusão. Claro que, neste livro, os trabalhadores são animais e os líderes do novo regime, porcos. Uma fábula satírica, genialmente criada por George Orwell, aclamada por todo o mundo e que chega em uma edição superespecial para os leitores da Editora do Brasil. Um clássico da literatura internacional, agora com tradução exclusiva do escritor Eric Novello e com design e ilustrações de Gustavo Piqueira. Bem-vindos à Fazenda dos Animais; embarquem nessa narrativa que sacode o mundo há décadas!



A partir de **14 anos**

Assuntos: Escravidão; poesia; cultura brasileira; romantismo; denúncia; Castro Alves; racismo; negritude.

Temas transversais: Pluralidade Cultural; Ética.

O NAVIO NEGREIRO E OUTROS CANTOS DE CASTRO ALVES

Coleção HQ Brasil

Poucos poetas evocam tantos anseios ao falar das mazelas que acometem a humanidade como o romântico Castro Alves. Suas críticas sobre a escravidão, a violência e o preconceito não só foram essenciais na época de sua escrita, como também continuam relevantes até hoje. Essa adaptação reúne diversos cantos focados em diferentes temas, transpondo a palavra para o imagético de maneira poderosa. Venha conhecer “O navio negreiro”, “O fantasma e a canção”, “A cruz da estrada”, “Tragédia ao luar” e “Vozes d’África”, todos adaptados em HQ, além de outros trechos de sua vasta e importante obra.



A partir de **14 anos**

Assuntos: Animais; ética; fábula; política; socialismo; trabalho; valores.

Temas transversais: Trabalho e Consumo; Ética.

OS SETE DA INDEPENDÊNCIA

Coleção Histórias da História

Independência ou morte! Um momento decisivo na história do Brasil. Mas este foi apenas um momento eternizado em marcantes obras de arte. O que aconteceu antes daquele dia em que Dom Pedro I declarou a independência? Quem foram os personagens históricos envolvidos? Com base no famoso quadro “Independência ou morte”, de Pedro Américo, o autor Gustavo Penna resolveu investigar a trajetória de sete indivíduos intimamente envolvidos no processo de independência do nosso país para recriar a história de como o Brasil decidiu se separar de Portugal, há quase 200 anos. O resultado é este livro, que mistura ficção, imaginação e fatos históricos de um jeito inteligente e muito convidativo.



A partir de **14 anos**

Assuntos: Política; memória; Independência do Brasil; Dom Pedro I; História; pintura; artes plásticas.
Tema transversal: Pluralidade Cultural.



A partir de **14 anos**

Assuntos: Adolescência; sentimentos; relacionamento; amizade; escola; amadurecimento; sexualidade; família.

Temas transversais: Ética; Orientação Sexual.

SALA 1208

Coleção Farol

Os estudantes do Colégio Vivência estão trilhando seus caminhos, lidando com seus próprios dilemas e preocupações, quando uma notícia vem para chocar a todos: a escola irá encerrar suas atividades. Esse é o fio condutor que conecta as oito partes deste livro, cada uma delas contada sob a ótica de um jovem da Sala 1208. Seus pontos de vistas são diferentes, assim como suas inquietações e narrativas. A força dessas histórias está justamente nessa descoberta, tão comum na adolescência, de que a vida é intensa, misteriosa, bonita, feia, alegre, triste... Tudo ao mesmo tempo. Um verdadeiro quebra-cabeça literário com muitas doses de emoção e reflexão para encantar jovens e adultos.

Assista aos *booktrailers!*



SOLUÇÕES EDUCACIONAIS PARA SUA ESCOLA!

A EDITORA DO BRASIL, COMPROMETIDA COM A FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ESTUDANTES, APRESENTA PARCERIAS EXCLUSIVAS PARA TORNAR SUA ESCOLA CADA VEZ MAIS ALINHADA A PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS!

PluriConnect

Está procurando ferramentas que otimizem tempo e custo? Ou um diferencial para sua escola, que, além de preparar os estudantes para o Enem, também melhore a performance dos alunos no exame em até 20%? Conheça agora os incríveis recursos da **PluriConnect**:

- Comunicação e Agenda: ferramentas que mantêm escola e família sempre conectadas;
- Redação Corrige: com ampla coletânea de temas, a ferramenta possibilita o acompanhamento de estatísticas de desempenho;
- Sem Chamada: plataforma de aprendizagem adaptativa que alavanca o desempenho dos estudantes no Enem.

LEGO® Education

Com as soluções da LEGO® Education somadas às matrizes das coleções da Editora do Brasil, as crianças são estimuladas a investigarem mais e constroem conhecimentos por meio de suas vivências com recursos lúdicos que envolvem blocos LEGO®, *softwares*, materiais curriculares e formação de professores.

soul socio emocional

O programa de aprendizagem socioemocional com maior sucesso no mundo, lecionado pelos próprios professores de sala de aula por meio de um currículo estruturado com aulas práticas e interativas e diversos materiais de apoio.

essia

Livros digitais da **Editora do Brasil** em uma experiência inovadora e personalizada, que facilita a vida do professor e envolve muito mais os estudantes! Totalmente interativos e com recursos que atendem à nova realidade de ensino remoto e/ou híbrido, com ferramentas que complementam e apoiam os educadores na organização e avaliação de suas aulas e contribuem para melhor performance dos estudantes.

aprimora

Percursos personalizados a favor de aprendizagens mais significativas!
Em consonância com as obras da **Editora do Brasil**, os recursos da **Aprimora** promovem o desenvolvimento de aprendizagens de Matemática e Língua Portuguesa por meio de uma plataforma adaptativa e *gamificada*.

soul mind

Lançamento inédito no Brasil: um programa focado em atenção plena, ou *mindfulness*, especialmente desenhado para integrar o currículo das escolas com práticas e atividades que atendem das crianças da Educação Infantil aos jovens do Ensino Médio.



CONHEÇA MAIS
EM NOSSO CATÁLOGO!

